



COMUNIDADES DE VIDA CRISTÃ

Pe. PEDRO ARRUPE

Pe. LOUIS PAULUSSEN

Pe. JOHN REILLY

JOSÉ GSELL



Ignatiana

12

COLEÇÃO IGNATIANA

ORIENTAÇÃO DA EQUIPE S. J. DE VILA KOSTKA — ITAICI

1. VIDA RELIGIOSA NA COMPANHIA DE JESUS
2. MENSAGENS A COMPANHIA DE JESUS
3. ORIENTAÇÕES PARA A COMPANHIA DE JESUS
4. A EXPERIÊNCIA DE DEUS NA VIDA RELIGIOSA,
Pe. ARRUPE, S.J.
5. FOME DE PÃO E EVANGELIZAÇÃO,
Pe. ARRUPE, S.J.
6. A IGREJA E A ESPERANÇA DOS HOMENS,
Pe. ARRUPE, S.J.
7. DIRETRIZES PARA A FORMAÇÃO
8. A OBRA DA ACULTURAÇÃO
9. COMUNIDADE APOSTÓLICA
10. DISCERNIMENTO COMUNITÁRIO
11. O NOSSO MODO DE PROCEDER,
Pe. ARRUPE, S.J.
12. COMUNIDADES DE VIDA CRISTÃ,
Pe. ARRUPE, S.J., LOUIS PAULUSSEN, S.J., JOHN REILLY,
S.J., JOSÉ GSELL, S.J.

LIVROS RECOMENDADOS SOBRE A ESPIRITUALIDADE INACIANA

Santo Inácio de Loyola

Constituições da Companhia de Jesus
Lisboa 1975
Exercícios Espirituais
Agir 1968 — São Leopoldo 1967
Autobiografia
Edições Loyola 1974
Diário Espiritual
Edições Loyola 1977

J. C. Dhotel, S.J.

Quem é Inácio de Loyola?
Edições Loyola 1974

Equipe de Itaiçi

Os Jesuítas

Pe. Arrupe e outros

Os Jesuítas: Para Onde Caminham?

Gilles Cusson, S.J.

Conduzi-me pelo Caminho da Eternidade
Edições Loyola 1976

J. R. F. Cigoña, S.J.

Oração e Libertação
Edições Loyola 1977

Ricardo Antoncich

A Espiritualidade Libertadora dos Exercícios de Sto. Inácio
Edições Loyola 1980

COMUNIDADE DE VIDA CRISTÃ

| | |
|--|----|
| ● APRESENTAÇÃO DO PE. CÉSAR AUGUSTO DOS SANTOS | 5 |
| ● MENSAGEM DE S.S. PAPA JOÃO PAULO II | 6 |
| ● UMA COMUNIDADE MUNDIAL A SERVIÇO DE UM ÚNICO MUNDO — Pe. Pedro Arrupe | 7 |
| ● DEUS TRABALHA ASSIM — ORIGENS DA COMUNIDADE DE VIDA CRISTÃ — Pe. Louis Paulussen | 24 |
| ● O CARISMA DA CVX — ESPIRITUALIDADE COMUNIDADE, MISSÃO — Pe. John Reilly | 54 |
| ● A CONCRETIZAÇÃO DOS PRINCÍPIOS GERAIS DURANTE OS ÚLTIMOS DOZE ANOS — José Gsell ... | 72 |
| ● AS COMUNIDADES CVX DE JOVENS — Pe. Pedro Arrupe | 79 |
| ● A HISTÓRIA DA CVX — UMA PARTICIPAÇÃO NO MISTÉRIO PASCAL — Pe. Louis Paulussen | 81 |
| ● ANEXOS: 8.1. Carta de confirmação de 25/3/1968 | 82 |
| 8.2. Aprovação Definitiva de 31/5/1971 | 84 |
| ● NOTA FINAL | 84 |

APRESENTAÇÃO

Atendendo ao pedido dos Provinciais Jesuítas do Brasil, selecionamos alguns escritos para apresentar a linha de ação e a espiritualidade das Comunidades de Vida Cristã, as CVX.

É o movimento que, continuando o ideal das CM, se desenvolveu a partir do Concílio Vaticano II e se propõe formar líderes cristãos, dentro da mística dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, para uma atuação mais decisiva na transformação da sociedade segundo os apelos do Evangelho.

Sendo fundamentalmente um movimento leigo, as CVX cumprem bem as determinações conciliares, levando essa parcela do Povo de Deus a assumir um papel consciente dentro do Cristianismo. Do mesmo modo facilita toda a execução da missão evangelizadora laical enfatizada na Conferência de Puebla.

Para apresentar as CVX escolhemos alguns documentos pontifícios, escritos do Pe. Pedro Arrupe, do Pe. Louis Paulussen (alma de toda a transformação das CM em CVX) e Pe. John Reilly.

O objetivo deste opúsculo é oferecer uma visão de conjunto deste movimento que inspira muitos leigos na sua luta diária, para viverem o Evangelho em todas as dimensões de sua existência. Desejamos também apresentar a tradução dessa mística nos dias de hoje, dentro de uma vocação eclesial sempre renovada pelo Espírito.

Pe. César Augusto dos Santos, S.J.
Assistente Eclesiástico das
Comunidades de Vida Cristã

MENSAGEM DE S.S. PAPA JOÃO PAULO II

Irmãos e Irmãs da Federação de Comunidades de Vida Cristã:

Fostes tão bons que viestes ver-me no começo de vossa reunião do Conselho Geral. Alegro-me de encontrar-me convosco e de assegurar-vos meu interesse e orações, neste momento em que iniciais um período de reflexão sobre o modo de trabalhar em prol de uma comunidade mundial ao serviço de um mundo único.

Este objetivo significa fazer que as pessoas se abram para entrar em comunicação com os outros, dizendo-lhes como Jesus disse ao surdo-mudo, na leitura do Evangelho de hoje: "Éfeta", quer dizer, "Abri-vos". Temos que romper os estreitos limites do "autocentrismo", questionando-nos sobre nosso estilo de vida, para ver em que sentido ele falha em responder à chamada de Deus a viver como uma única família humana, da qual todos somos membros, e tratando de discernir as necessidades espirituais e materiais de nossos irmãos e irmãs do mundo, tudo que requer nossa ajuda.

Essa tarefa por certo, não é fácil. Mas através do poder de Jesus não é impossível. Invoco Seu auxílio para as vossas deliberações e para os esforços de cada uma das Comunidades de Vida Cristã, a fim de que alcancem tal objetivo. E no Seu nome abençoação a cada um de vós e aos demais membros de vosso Movimento.

UMA COMUNIDADE MUNDIAL A SERVIÇO DE UM MUNDO ÚNICO

Pe. Pedro Arrupe, S.J.
Villa Cavalletti, 13 de setembro de 1979

Estais discutindo o modo de conseguir formar uma Comunidade Mundial a serviço de um mundo unificado. Este é um tema e uma focalização que a mim são particularmente gratos. Agrada-me profundamente o **esforço universalista**, próprio de almas e corações grandes, que entenderam bem o conjunto dos problemas desta época e a necessidade de proporcionar soluções igualmente universais. Para tanto desejas uma comunidade Mundial.

Agrada-me também que seja o **serviço** o modo com que desejas tornar efetiva vossa presença entre os homens e mulheres de todo o mundo.

Vejo esta atitude como muito de acordo com a essência das CVX e julgo acertado que vos tenhais proposto este tema.

Com efeito, o "serviço", mais exatamente "o melhor serviço" é a idéia motriz das CVX. Quando, em 1967, se pediu à Santa Sé a transformação das Congregações Marianas em Comunidades de Vida Cristã e a aprovação dos Princípios Gerais que deviam substituir as Regras Comuns de 1910, o motivo que justificava o pedido outro não era senão este: "o melhor serviço" a prestar-se à Igreja e a renovação conforme ao espírito e normas do Concílio Vaticano II. Alegava-se que a transformação solicitada permitiria aos membros das novas Comunidades "consagrar-se com maior simplicidade e eficácia ao serviço de Deus e dos homens no mundo de hoje" (Carta de aprovação do Cardeal Ciconani, 25-3-1968). Por haver entendido que esta promessa era sincera e realizável, a Igreja deu sua aprovação.

O espírito e a letra dos Princípios Gerais atestam que as CVX são a institucionalização de uma vocação de serviço. Como diz o preâmbulo, estes Princípios Gerais são elaborados para que ajudem (aos membros das CVX) a entregarem-se “com generosidade sempre crescente a Deus, amando e servindo a toda humanidade no mundo de hoje” (n.º 1).

Generosidade na entrega e tendência sempre ao mais, são já duas conotações de pura origem inaciana, o que, por outra parte, nada tem de estranho, pois expressamente reconhecéis a espiritualidade inaciana como “fonte específica e instrumento característico de vossa espiritualidade” (n.º 4).

Tudo isto me incentiva a compartilhar convosco algumas idéias sobre o serviço, tal como o entende Santo Inácio e a tecer sobre elas algumas considerações.

I. O serviço, ideologia constante em Inácio

a) O gentilhomem

Para Inácio, desde sua mais tenra infância, “servir” era tão necessário por uma parte e tão natural por outra, como o ar que se respira. Tudo quanto via na Casa-Torre de seus pais, tudo quanto faziam seus irmãos, tudo quanto sabia de seus avoengos e parentes, era serviço: ou o serviço de “servo” dos empregados mais humildes, lavradores e peões; ou o serviço de membros de sua própria família que “serviam” ao senhor distante ao qual ajudavam nas guerras e do qual recebiam favores na paz.

Apenas ultrapassados seus quinze anos, ele entra para o serviço de importante personagem da corte, o Contador dos Reis, ali passa dez anos. Quando o Contador morre, passa a servir ao Duque de Nájera, Vice-Rei da Navarra. Neste posto continuará servindo ao Duque e nele aos Reis, até cair ferido, quatro anos mais tarde, junto às muralhas de Pamplona.

Inácio tem deste serviço um conceito cavalheiresco, impregnado de fidalguia, fidelidade, bravura e ambição de glória. Nos livros de cavalaria, que constituem suas delícias, encontra o protótipo destes ideais.

Mesmo quando em sua convalescença pensa em sua dama, cuja imagem “tanto se apossava de seu coração” (Autobiogr., 6), seu amor se expressa em termos de serviço: “Imaginava o que haveria de fazer para o serviço de uma senhora (...), as palavras que lhe dirigia, os feitos de armas que realizaria em seu serviço”. Para Inácio, amar era servir.

b) Na conversão

Sua conversão consiste em mudar de senhor, não em deixar de servir. No começo será ainda de tipo cavalheiresco, belicoso e competitivo o modo com que se propõe servir ao Senhor: “São Francisco fez isto: eu também tenho que fazer” (Autobiogr., 7). Somente mais tarde, quando, ajudado pela graça, em um trabalho magistral de introspecção e discernimento conseguir separar e analisar os elementos de seu ideal, é que Inácio purificará sua concepção de serviço e sobre tal concepção, já purificada, erguerá todo seu edifício espiritual: é o Princípio e Fundamento dos Exercícios: “O homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor” (23).

Servir ao seu Criador é para Inácio um axioma que não precisa nem admite demonstração: é a condição natural de quem é criado e criado “para”, isto é, com uma finalidade que o liga a quem lhe dá o próprio ser.

No itinerário dos Exercícios evoluirão progressivamente dois elementos do serviço: o serviço por amor (a última contemplação será dirigida precisamente para conseguir este amor) e a pessoa a quem se serve por amor: Deus, a Divina Majestade, as três Pessoas Divinas, Cristo em sua encarnação, em sua vida, em sua paixão, em sua glória de ressuscitado.

Mas todos os Exercícios se basearão sempre em uma concepção de serviço. Nada menos de 50 vezes aparecerá, de uma ou outra maneira a palavra servir, ou “serviço”. Até mesmo o relacionamento de Cristo com o Pai é relacionamento de serviço (135).

O serviço de Deus é, para Inácio, o critério determinante para ordenar a própria vida: “o motivo para se desejar ou ter uma coisa ou outra, seja somente o serviço, honra e glória de sua Divina Majestade” (16). O serviço é uma atitude absoluta: “gran-

de ânimo e liberalidade... oferecendo-Lhe toda sua vontade e liberdade, para que sua Divina Majestade, de acordo com sua santíssima vontade, disponha tanto de sua pessoa como de tudo o que tem" (5). O serviço divino é um dom de Deus que prepara o exercitante a trilhar "pelo caminho em que melhor o poderá servir no futuro" (15).

Onde, porém, predomina a idéia de serviço é nesta grande articulação central dos Exercícios: Rei Temporal — Preâmbulo para consideração de estados de vida —, Duas Bandeiras. Despontam a esta altura em Inácio suas melhores recordações cavalheirescas: "Quão digno seria de ser vituperado por todo o mundo e tido por perverso cavaleiro" (94), e estimula a "aspirar a mais e assinalar-se em todo serviço de seu Rei Eterno e Senhor Universal" (97), imitando a Cristo humilhado e pobre, com tanto que seja para seu "maior serviço e louvor" (98). No último número dos Exercícios (370) Inácio se despede apresentando a idéia do serviço, mas em um tom muito diferente do Príncipe e Fundamento, no qual não se menciona expressamente o amor: "acima de tudo se há de estimar servir a Deus Nosso Senhor por puro amor".

c) No Fundador

Santo Inácio não é apenas o autor dos Exercícios, mas igualmente o primeiro e mais insigne exercitante. Saiu de Manresa decidido a "assinalar-se em todo o serviço de seu Rei Eterno e Senhor Universal" (97). A idéia do serviço divino — do maior serviço — será a estrela polar que há de guiar seus passos por todo o resto de sua vida; vida de peregrino, de estudante, de Fundador, de Geral de sua Ordem. O antigo gentilhomen, cujo ideal era de servir em cavalleirescas empresas de amor e de guerra, aprendeu que a Deus se serve de outra maneira: imitando a vida e trabalhos dos Apóstolos, pregando o Reino na pobreza e humildade. Uma vez que o serviço apostólico exige doutrina, ele irá estudar. Uma vez que este serviço apostólico em benefício do próximo não atinge sua plenitude se não se lhe comunica a graça dos sacramentos, ele se ordenará sacerdote (FN III/816).

Um ideal vivido com tanta pureza e intensidade, não pode deixar de ser contagioso. Um companheiro após outro se vão

agregando a Inácio sucessivamente. Juntamente com eles, em Montmartre, no ano de 1534, num compromisso que poderíamos chamar de prenúncio da futura Companhia, fazem um voto que contém dupla cláusula de serviço: ir a Jerusalém e "gastar sua vida em proveito das almas", ou, caso isto não se pudesse realizar no prazo de um ano, "apresentar-se ao Vigário de Cristo para que os aplicasse no que julgasse ser de maior glória de Deus e bem das almas" (Autobiog. 85). Todo este linguajar e as idéias que encerra, são profundamente inacianos. De Veneza nenhum barco zarpuou durante todo o ano, e a "cláusula papal", que no voto de Montmartre era apenas uma alternativa, passa ser o centro do destino de Inácio e abre historicamente o caminho do nascimento da Companhia de Jesus. Os elementos explícitos desta cláusula são: dedicar-se por toda a vida ao que seja de maior glória de Deus, para o bem das almas, sob as ordens do Vigário de Cristo. Em uma palavra: servir.

Quando, em cumprimento da promessa, em outubro de 1537, Inácio, com Fabro e Laínez, se dirige a Roma, sucede um acontecimento crucial: a visão que tem Inácio numa capelinha situada no caminho, no lugar denominado La Storta, a 16 quilômetros de Roma, na Via Cássia, que era a rota obrigatória para os que, do norte, se dirigiam a Roma. Inácio já estava ordenado há três meses, mas ainda não havia querido celebrar sua primeira Missa. Desejava preparar-se bem e tinha como idéia permanente de sua vida interior, a modo de preparação, esta oração à Virgem: "que tivesse por bem colocá-lo junto a seu Filho". Ora: naquela graça mística extraordinária, junto a La Storta, "sentiu tal mudança em sua alma e viu tão claramente que Deus Pai o colocava junto a seu Filho, que não teria como duvidar". Sentiu que o Pai, voltando-se para o Filho que estava ao lado, com a cruz sobre os ombros, Lhe dizia, indicando a Inácio: "Quero que tomes a este por teu servidor". Jesus, colocando a mão sobre Inácio, dizia: "Quero que tu nos sirvas".

Quer dizer, em um momento tão decisivo de sua experiência espiritual, e, no que toca à Companhia de Jesus, certamente no momento capital, as relações de Inácio com as três Pessoas Divinas implicam, como elemento formal, o "serviço": o Pai o constitui servidor de seu Filho. O Filho o aceita em seu próprio serviço e no do Pai. Aí está o outro extremo do arco que

tinha começado 31 anos antes, em 1506, quando o jovem Inácio entrou para o serviço dos senhores deste mundo.

Por isto é que Inácio se sente homem do serviço divino e precisamente do “maior serviço divino”.

Inácio institucionaliza seu carisma, que é compartilhado pelo grupo que ele reuniu à sua volta, em um corpo ao qual dá o nome — precisamente em função da visão de La Storta — de Companhia de Jesus, com uma clara conotação de serviço militante. A Fórmula de fundação da Companhia começa com uma cristalina proclamação desta realidade: “todo aquele que, nesta Companhia (que desejamos se chame Companhia de Jesus) pretender alistar-se sob a bandeira da Cruz, para ser soldado de Cristo e servir somente a Sua Divina Majestade e à Sua Esposa a Santa Igreja, sob as ordens do Pontífice Romano...” (Expositio debitum, 21-7-1550).

As Constituições da Companhia estão pontilhadas de alusões e mesmo de convites explícitos a este divino serviço. Não me compete aqui deter-me a comentar as passagens correspondentes. Baste o que ficou dito até agora para vos mostrar quão central é a idéia de serviço (que é o tema escolhido para vossa reunião) na espiritualidade inaciana, na qual as CVX, segundo vossos Princípios Gerais, querem haurir sua inspiração.

II. As CVX, comunidade para o serviço

Podemos dizer que a vinculação entre CVX e Companhia de Jesus termina aqui: na comum inspiração nos Exercícios Espirituais inacianos, na comunhão de uma mesma espiritualidade. Toda consideração ulterior deve ser feita numa linha divergente.

Esta espiritualidade anima, com o caráter que lhe é próprio, a Companhia como Ordem religiosa, apostólica, sacerdotal, ligada imediatamente ao Vigário de Cristo por vínculos especiais.

Sob outro aspecto, esta mesma espiritualidade fecunda vosso movimento, que não é inferior, mas simplesmente diferente, ao de uma ordem religiosa, e que, por isto mesmo, deve ter uma realização apostólica concreta também diferente. É um movimento espiritual essencialmente laical, com os limites, sem dúvida, mas

também com as oportunidades apostólicas que tal movimento traz consigo.

Ainda mais: apenas uma fração das CVX está estabelecida em centros da Companhia de Jesus, ou dirigidas por jesuítas. A teoria das CVX admite, e na prática assim acontece, o desenvolvimento de grupos completamente à margem de qualquer contacto e influência da Companhia de Jesus. Devem manter, isto sim, os Exercícios inacianos como fonte específica e instrumento característico da própria espiritualidade (PG n.º 4).

Vossa espiritualidade e vossa vida apostólica, devem, portanto, aproveitar todas as ocasiões que vos permite vossa condição de leigos e são menos próprias ou claramente impróprias dos religiosos; e, ao mesmo tempo, devem acautelar-vos contra todo desvio de tipo clerical ou religioso que diminua vossas possibilidades.

Ao chamar vossa atenção para este perigo de envolvimento espiritualista, tenho presente qual o tipo de serviço que, de acordo com vossos Princípios Gerais, deveis proporcionar à Igreja e aos homens e mulheres de nosso tempo, conscientes de que isto é para vós “uma grave responsabilidade” (PG n.º 2): tendes que “formar homens e mulheres, adultos e jovens, comprometidos com o serviço da Igreja e do mundo em qualquer campo da vida: familiar, profissional, cívico, eclesial etc.” (PG n.º 3). São quatro palavras que, estou bem certo, foram escolhidas com esmerado cuidado, pois abrangem os quatro campos fundamentais da vida humana.

Vossa atividade tem que vos ajudar a viverdes em vosso ambiente diário “a vida humana, em todas as suas dimensões, na plenitude da fé cristã e de modo especial deve ajudar àqueles que estejam ocupados em assuntos temporais”, respondendo deste modo ao chamado de Cristo, de dentro do mundo em que viveis (cfr. PG n.º 3). Pretendeis com isto encontrar “constantemente resposta às necessidades de nosso tempo e trabalhar, em união com todo povo de Deus, pelo progresso e pela paz, pela justiça e pela caridade, pela liberdade e pela dignidade de todos os homens” (PG n.º 2). São especialmente programáticas as seguintes palavras: “Bem percebemos que temos que nos consagrar antes de tudo à renovação e santificação da ordem temporal” (PG n.º 7).

Este é portanto vosso serviço ao mundo: um apostolado laical intenso, inteligente, constante. Supõe certamente uma vida interior vivida com uma não menor intensidade, inteligência e constância. O tema, porém, que escolhestes para vosso congresso obriga-me a fixar-me de preferência nesta irradiação apostólica de vossos grupos: no serviço aos homens e mulheres de nosso tempo.

a) Um serviço atualizado

Vosso apostolado laical deve ser um tipo que me atreveria a chamar novo. Quando, em 1967 as Congregações Marianas se decidiram a “dar o salto”, introduzindo modificações, “algumas delas fundamentais” (Carta do Cardeal Cicognani, 25-3-1968), para transformar-se nas CVX, o fizeram porque estavam conscientes de que a um mundo com necessidades novas era necessário responder com fórmulas de ação também novas. O Concílio Vaticano II, então recém-celebrado, era o exemplo mais brilhante da necessidade e possibilidade de tais transformações. Partindo daí é que a irradiação apostólica, que anteriormente se havia centralizado de preferência num serviço marcadamente auxiliar do ministério sacerdotal (catequese, obras assistenciais, atividades formativas etc), se completasse — tal como está previsto nos Princípios Gerais — com um novo serviço para a “renovação e santificação da ordem temporal” (PG n.º 7), trabalhando na reforma das estruturas da sociedade, participando nos esforços de libertação dos que são vítimas de qualquer espécie de discriminação e em particular de diferenças entre ricos e pobres dentro da Igreja”. Era vosso propósito trabalhar (continuo citando vossos Princípios Gerais) “com espírito de serviço para o estabelecimento da justiça e da paz entre todos os homens” (n.º 7).

Lendo-vos estas linhas tenho quase a impressão de vos estar citando o Decreto 4.º, de nossa Congregação Geral 32, escrito oito anos mais tarde, no qual nos é dito que “a missão da Companhia de Jesus hoje é o serviço da fé, do qual a promoção da justiça constitui uma exigência absoluta, em quanto forma parte da reconciliação dos homens exigida pela reconciliação deles mesmos com Deus” (Decr. 4.º, n.º 2).

b) Na linha conciliar

Este salto qualitativo de vossa atitude apostólica, não é um mero capricho, nem obedece à intuição discutível de uma pessoa particular. Situa-se, nem mais nem menos, na linha conciliar.

Permiti que eu esclareça um pouco este ponto. Uma das principais graças concedidas pelo Senhor à sua Igreja, através do Concílio Vaticano II foi precisamente a revalorização do laicato e de sua função na Igreja. Todo o capítulo IV da Constituição “*Lumen Gentium*” sobre a Igreja é dedicado ao laicato, à sua participação no ministério salvífico da Igreja, no ofício sacerdotal e profético de Cristo e em seu poder real. O capítulo encerra toda uma teologia do laicato, na qual deveríeis aprofundar-vos, para terdes clara consciência de vossos próprios valores e de vossas próprias responsabilidades.

E não só isso. O Concílio, um ano depois, em 1965, sobre aquela base teológica, preparou todo um decreto dedicado exclusivamente à atividade apostólica dos leigos, **Apostolicam Actuositatem**. Eco de ambos documentos são algumas frases mais audazes e significativas de vossos Princípios Gerais. Por isto, vossa formação permanente deve ter como fundamento e alicerce estes textos, sobre os quais deveis refletir repetida e progressivamente, confiantes em que neles encontreis a mais segura formulação de tudo aquilo que a Igreja espera de vós. Servir-vos-ão também de módulo para um capítulo importante de “revisão de vida” a que estais obrigados (PG n.º 7) e de farol que orientará vossas decisões futuras.

Este salto qualitativo de vosso serviço apostólico a que antes me referia, responde a uma palavra de ordem conciliar: vosso apostolado “não consiste apenas no testemunho de vida” (Apost. Actuos., 6). “É necessário que os leigos considerem como sua função própria a instauração da ordem temporal e que, conduzidos pela luz do Evangelho e pelo sentir da Igreja e movidos pela caridade cristã, atuem diretamente e de forma concreta nesta ordem; que cooperem como cidadãos com os demais cidadãos com seus conhecimentos especiais e sua responsabilidade própria; e que procurem em tudo e em toda parte a justiça do reino de Deus. É necessário estabelecer a ordem temporal de modo que, observando integralmente suas próprias leis se conforme além

disto com os princípios da vida cristã e se adapte às variadas circunstâncias de lugares, tempos e povos. Entre as obras deste apostolado sobressai a ação social dos cristãos, que o santo Concílio deseja que se estenda hoje a todo âmbito temporal, inclusive à cultura" (Ap. Act. 7).

Vossos Princípios Gerais, elaborados dois anos mais tarde, em 1967, acolhem esta palavra de ordem conciliar: "Vemos claramente que temos que nos consagrar antes de tudo à renovação e santificação da ordem temporal" (PG n.º 7).

c) Uma tentação

É possível que alguns de vós sintam a tentação contrária, o que seria de fácil explicação. Cansados com a luta diária na vida profissional, familiar etc., acossados por um ambiente social cada vez mais materialista, egoísta, erotizado e corrompido, poderiam pensar que a Comunidade de Vida Cristã de que participam, é o oásis de paz, o remanso espiritual em que a alma se tonifica, se cultiva e se aproxima de Deus, oásis vivificado pela comunidade de ideais de quantos formam o grupo. Isto é verdade, mas não é toda a verdade. Nada há mais enganoso do que uma meia verdade. Tal concepção é alheia a vossos Princípios Gerais, situa-se à margem da idéia que o Concílio formula do papel do laicato na Igreja e suporia um mutilação ou uma atrofia no Corpo Místico.

Porque vós, somente vós, podeis fazer muitas coisas que é necessário que se façam. Aludi a isto anteriormente: os leigos, justamente porque o são, têm oportunidades e possibilidades apostólicas que faltam a outros segmentos apostólicos da Igreja, como sejam a Hierarquia, os sacerdotes, os religiosos e religiosas. Tomemos um exemplo: a ação política. Para alguns sacerdotes e religiosos, de ardente zelo apostólico e clara visão das coisas, pode surgir a tentação de usar de seus direitos cívicos para intervirem na política, porque consideram, muito acertadamente, que da política depende, em grande parte, o estabelecimento da paz e da justiça. Para os Superiores de tais religiosos é penoso terem que impor, por justas razões, limites definidos e restrições de acordo com as circunstâncias, a este serviço apostólico de seus religiosos. E uma das razões que autorizadamente se aduzem é a de que compete precisamente a vós, leigos, mem-

bros da cidade secular, na plenitude de vossos direitos civis, este tipo de serviço apostólico. Este terreno, em nível de ação concreta, é vosso, exclusivamente vosso. A Igreja pode e deve oferecer, e de fato oferece, orientações, esclarecimentos doutrinários e todo apoio compatível com sua missão sobrenatural. Somente, porém, esta parte da Igreja que sois vós, dentro do amplo espaço das opções concretas, pode assumir tão grave responsabilidade.

Quero deter-me um pouco mais nos quatro "campos da vida" aos quais aludi anteriormente, visto serem mencionados expressamente em vossos Princípios Gerais: familiar, profissional, cívico, eclesial (PG n.º 3).

d) A Família

A família, esta "espécie de Igreja doméstica", como a denomina o Concílio, (LG, 11), é, por sua mesma natureza, o primeiro campo de vosso serviço apostólico. A começar, naturalmente, por vossa própria família. Ao dizer família, entendo toda a problemática que gira em torno dela: vida matrimonial, aborto, divórcio, educação, liberdade de ensino, relações pré-matrimoniais, movimento feminista, moralidade, droga, moradia etc. "Na vida matrimonial e familiar o apostolado dos leigos encontra uma oportunidade de se exercitar e uma preclara escola, quando a religião cristã penetra toda a organização da vida e a transforma cada dia mais" (LG, 35).

Cada membro de uma Comunidade de Vida Cristã tem, debaixo de seu próprio teto, o primeiro e mais imediato campo de apostolado. Para tanto ele deve ajudar e ser ajudado no grupo ao qual pertence. Há mil maneiras de oferecer ajuda, que somente as circunstâncias podem determinar.

Mas isto não basta. Para além da própria família devem-se proclamar e promover seus valores: evitando ambiguidades na hora de preconizar critérios, negando o próprio voto aos que propugnam uma política contrária aos valores da família defendidos pela Igreja etc. Mais ativamente ainda, segundo as possibilidades de cada um, participando dos movimentos que defendam e promovam tais valores.

A propósito, lembro-me de um Reitor de um dos nossos colégios que me dizia que, nas circunstâncias difíceis por que passava o ensino particular em seu país, com as conseqüentes dificuldades para se manter a explícita característica de colégio confessional católico, seu principal apoio ele o encontrava nos membros das Comunidades de Vida Cristã e das Equipes de Nossa Senhora para casais — movimento semelhante ao vosso — que eram eleitos para ocupar os postos principais da Diretoria da Associação de Pais de alunos. Aí está um bom exemplo de uma das inúmeras possibilidades que se vos apresentam.

e) A profissão

Em três ocasiões distintas, nos últimos dois meses, o atual Pontífice João Paulo II falou do apostolado dos leigos, insistindo no aspecto profissional. É o que pede a natureza das coisas. É o quadro em que se desenvolve a própria atividade e no qual aplicamos nossas energias, nossa capacidade produtiva ou diretiva e uma boa parte de nosso relacionamento. Sei perfeitamente que por sua natureza existem algumas profissões que se prestam menos que outras a uma irradiação apostólica. A mãe de família que fica em casa na lida de todo santo dia, tem, evidentemente, menos possibilidades do que a que se ocupa de Assistência Social. Um professor universitário tem mais oportunidades apostólicas geralmente do que um oficial administrativo. Nenhum membro, porém, das CVX pode ignorar não somente sua obrigação de viver seu trabalho com espírito cristão, mas também que através dele pode oferecer uma mensagem aos que o rodeiam.

Dizia Paulo VI (Discurso à União de Juristas Católicos, 15-12-1963) que se pode, não somente santificar a profissão, mas também que a profissão pode tornar-se santificadora. É uma fecunda simbiose. Seja-me permitido citar um caso concreto: os que, dentre vós, procedem da Itália sabem perfeitamente quem é José Moscati: um médico que em sua cátedra e nos hospitais de Nápoles desenvolveu um apostolado maravilhoso. Foi beatificado em 1975, quarenta anos apenas depois de sua morte. Dizia Paulo VI em sua homilia: “Foi um leigo, um secular que fez de sua vida uma missão; um médico que transformou sua profissão num campo de apostolado, numa escola de caridade: um professor universitário que irradiou entre seus alunos e companhei-

ros uma altíssima doutrina e o próprio exemplo de retidão moral e de dedicação absoluta à sua cátedra” (Homilia de Beatificação de José Moscati, 16 de nov. de 1975). É um exemplo exímio, certamente, de apostolado profissional, deste serviço que, através de nosso trabalho podemos prestar a nossos irmãos. A própria profissão se converte em um excelente meio de apostolado.

f) O setor cívico-social

“O apostolado no meio social, isto é o zelo por impregnar de espírito cristão as idéias e os costumes, as leis e as estruturas da comunidade em que se vive, é, a tal ponto, dever e encargo dos leigos, que nunca poderá se realizar convenientemente pelos demais” (Apost. Act., 13). Estas palavras categóricas do Concílio não admitem atenuantes. É da responsabilidade do laicato procurar que a ordem temporal seja regida pelos critérios cristãos da caridade e da justiça. E há tanta coisa a fazer!

- na ordem trabalhista e sindical: emprego, assistência;
- no plano legal e de estruturas: justiça, igualdade, liberdade, participação, partidos políticos;
- na ordem de serviços: moradia, escolas, meio ambiente, saúde, terceira idade, energia, proteção;
- na ordem nacional e internacional: relações, entre os povos, colonialismo, libertação, desenvolvimento, blocos de nações.

Como vedes, é todo um mundo de problemas, cuja enumeração poderia alongar-se ainda mais. Em todos eles há um nível teórico ao qual a Igreja pode levar luz doutrinal. No plano prático, porém, a ação deve ser dos leigos (Apost. Act. 13). Naturalmente há um senso de proporção e uma medida dentro dos quais cada um deve exercer este apostolado segundo as próprias circunstâncias. Existe, contudo, uma exigência mínima que deve urgir a todos: a promoção do bem comum, a atenção preferencial pelos mais necessitados, o apoio a quem promove em esferas mais altas uma ordem mais justa.

O Concílio Vaticano II chega até a incentivar os leigos mais preparados a desempenharem cargos públicos, uma vez que, exercendo-os dignamente, e em conformidade com o espírito do Evangelho podem fazer tanto bem. Eu diria que as Comunidades de

Vida Cristã, onde se temperam a fé e o espírito de serviço de uma parte escolhida do laicato, devem ser uma sementeira de homens e mulheres que, em sua esfera de ação, por modesta que seja, se esforcem por prestar semelhante serviço. A inibição por apatia, temor do compromisso etc., não deve existir entre vós.

Não podeis decepcionar as esperanças da Igreja e do mundo, que justificadamente aguardam este socorro apostólico do laicato mais cristãmente preparado. Escutai como se expressava Paulo VI em sua exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* de dezembro de 1975 (n.º 70): “Os leigos, cuja vocação específica os coloca no coração do mundo e à frente das mais variadas tarefas temporais, devem exercer, por isto mesmo, uma forma singular de evangelização. (...) O Campo próprio de sua atividade evangelizadora é o vasto e complexo mundo da política, do social, da economia e, também, da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação de massas, assim como de outras realidades abertas à evangelização, como o amor, a família, a educação das crianças e jovens, o trabalho profissional, o sofrimento etc”.

Minha experiência de anos entre religiosos da Companhia e de outros Institutos permite-me fazer-vos a seguinte confidência: a falta de leigos que desejem se comprometer apostolicamente em todos estes campos, ou a desproporção entre o que se faz e o que resta por fazer, é uma tentação para não poucos sacerdotes, particularmente zelosos e tecnicamente preparados, que vêem no profissionalismo um meio de enormes possibilidades de evangelização. Não fomentemos a duvidosa aplicação de tantas vocações sacerdotais em postos que vós mesmos podeis e deveis ocupar. Há poucos sacerdotes? Sede vós mesmos mais numerosos e melhores apóstolos e nós seremos mais numerosos e melhores servidores da Palavra.

g) O político cristão

Eu faria um especial convite aos leigos cristãos, incentivando-os a assumirem com espírito de serviço, as tarefas políticas nas diversas esferas. Deveriam lançar-se por este caminho, senda de santidade e evangelização, sobretudo se sentem atração para isto e acham que têm condições para realizá-lo.

Por isto, ainda que rapidamente, esboço a imagem do político cristão:

- Homem de profunda fé e oração, que por amor a Cristo serve a seus irmãos na consecução do bem comum em qualquer nível.
- Homem que não se fecha no partidarismo estreito e oportunista.
- Homem de forte sentido de Igreja, que se deixa iluminar por sua doutrina social e política.
- Homem que, tendo poder, dele usa para servir e não cai na idolatria do poder.
- Homem que inspira nos cidadãos a confiança de que o político diz a verdade e a realiza.
- Homem estudioso dos problemas e de seu contexto humano.
- Homem realista na opção das soluções possíveis.
- Homem humilde, para saber consultar e ouvir a todos, e não só a seus correligionários e eleitores.
- Homem que confia no poder de Deus em face das dificuldades.
- Homem que, partindo de seu próprio testemunho de vida, procura que na sociedade se encarnem os valores evangélicos de respeito, fraternidade, crescimento humano, justiça, dedicação e atenção especial pelos pobres.
- Homem que sabe que este caminho já foi percorrido por outros, com o auxílio do Senhor:

São Fernando de Castela, São Luís de França, Santos Tomás Moro e João Fisher, da Inglaterra...

Sei que nenhum destes traços coincide com a imagem de “O Príncipe” (Maquiavel) ou “O Cortesão” (Castiglione) que tantos discípulos avantajados tiveram sempre. Correspondem, isto sim, ao modelo do ‘Senhor de tudo’, que disse ter vindo não para ser servido, mas para servir. E talvez pudessem valer — estes traços característicos — para que alguns governantes, que tão facilmente se dizem católicos, conseguissem abrir os olhos e ver que têm que mudar... ou deixar de sentir-se tão católicos, o que seria já um passo para a conversão.

É preciso insistir na necessidade que o político cristão tem da oração, dos sacramentos, do amor a Jesus Cristo na pessoa dos outros. Se queremos santificar a política necessitamos em primeiro lugar de que os homens políticos aspirem à santidade.

h) Eclesial

Eu diria que este é o campo privilegiado de vossa irradiação apostólica e de vosso serviço. Sem minimizar agora tudo que fica dito sobre outros setores, é claro que vossa cooperação é imprescindível na vida e ação da Igreja, a tal ponto que, "sem ela, o próprio apostolado dos Pastores não pode conseguir plenamente, na maioria das vezes, seus resultados" (Apost. Act., 10). Vós sois esse 'agente multiplicador' de que a Igreja precisa para fazer-se presente na sociedade.

Não basta dizer que, pertencendo a um grupo das CVX, estais já dando vida a um movimento eclesial. As CVX não são um fim em si mesmas, mas um meio de formação para o serviço (PG n.º 3). Ainda não atingiram seus objetivos mesmo quando os grupos caminham muito bem, as reuniões se celebram com regularidade, e seus membros se sentem fraternalmente unidos na Eucaristia, porém não dão um passo avante para uma irradiação de serviço apostólico em algum dos tipos de apostolado acima descritos. Havereis de "colaborar com os Pastores, compartilhar de suas preocupações acerca dos problemas e do progresso do gênero humano" e "prestar uma colaboração pessoal na obra do estabelecimento do Reino de Deus" (PG n.º 5). A pastoral paroquial, diocesana, ou de nível ainda mais alto; as atividades especializadas de qualquer tipo — Cáritas, missionárias, preparação ao matrimônio, consultórios, imprensa e rádio etc. — oferecem tão ilimitada gama de possibilidades, que, se outras justas causas não o impedem, cada um poderá encontrar alguma que se ajuste ao seu preparo e às circunstâncias de sua vida.

i) Valor pedagógico do grupo

Não quero terminar sem dizer uma palavra sobre um ponto que me parece essencial nas Comunidades de Vida Cristã: o valor do grupo. É sem dúvida acertada vossa estrutura grupal. O grupo é um meio termo entre a massa e o solitário. O grupo permite formar núcleos homogêneos "de pessoas de condições seme-

lhantes" (PG n.º 3), facilitando-vos, de acordo com a sã pedagogia, uma atenção proporcional ao próprio nível espiritual e condições de atuação. Sem que isto suponha a institucionalização do classismo ou de compartimentos estanques, permitem que as Comunidades de Vida Cristã se articulem em núcleos capazes de atender às mais diversas situações. São como células do Corpo Místico de Cristo, nas quais Ele está presente, pois vos reunis em seu nome. Os grupos são a experiência comunitária básica, o começo de uma fraternidade que estendeis a todos os irmãos na fé e a quantos ainda a ela não chegaram.

Seja-me permitida também uma palavra acerca de vossos deveres grupais. Nunca vos pergunteis: "que me importa o grupo?" Mas exatamente o contrário: "que posso oferecer ao grupo?" A passividade é o câncer do grupo. O grupo vive da vida dos seus membros, cada um dos quais recebe de volta, multiplicada pela dos demais membros, sua própria contribuição. O grupo propicia a abertura pessoal, educa para o diálogo e a tolerância, enriquece os pontos de vista, habitua a um sadio pluralismo, torna a fé mais arraigada pelo simples fato de explicitá-la em voz alta e colocá-la em partilha comum; recebe-se e dá-se, através dele, ajuda fraterna e nele invoca-se em conjunto o Pai de todos.

Estes dias serão muito importantes para vós e para as CVX de todo o mundo. Peço à Mãe de Deus a quem venerais com filial amor (PG n.º 6) e em "cuja intercessão confiais para o cumprimento de vossa vocação" (PG n.º 8), que vos "coloque junto a Seu Filho", como pedia Inácio para si mesmo. Estou seguro de que, com sua ajuda, vossos esforços e trabalhos destes dias proporcionarão às CVX uma renovação e um maior entusiasmo em vossa vocação de servir.

(Tradução do Pe. José de Souza Oliveira, S.J.)

DEUS TRABALHA ASSIM

ORIGENS DA COMUNIDADE DE VIDA CRISTÃ

Louis Paulussen S.J.

(Suplemento de "Progressio", n.º 14, junho 1979, pp. 7-55)

"**Vim trazer fogo à terra**"
(Lc 12,49)

I — INTRODUÇÃO

Este suplemento é a resposta a inúmeras perguntas. Já faz anos, alguns amigos expressavam o desejo de serem informados especialmente sobre as origens da Federação Mundial (F.M.). Recentemente, em ocasiões diversas, alguns me comunicaram seu desejo de saber porque e como a Congregação Mariana (C.M.) se transformou em Comunidade de Vida Cristã (CVX). No ano passado o Conselho Executivo da F.M. convidou-me para escrever um suplemento sobre este assunto.

Dada a impossibilidade de se entender o assunto sem o conhecimento das linhas principais de uma longa história, é necessário que se remonte às origens da Companhia de Jesus, até sua supressão em 1773. O primeiro capítulo fornece a informação essencial sobre a C.M. no período que vai da fundação da Companhia até sua supressão em 1773. O segundo capítulo expõe brevemente os maiores acontecimentos dos anos seguintes até a promulgação da Constituição "Bis Saeculari" (1948). À luz desta história, todos os novos desenvolvimentos se fazem inteligíveis e claros: tal é o conteúdo do terceiro capítulo. Nele narro os fatos como os vivi.

Se o leitor tiver paciência de ler até o fim, verá que estou plenamente de acordo com o Pe. Karl Rahner que, pouco depois do encerramento do Concílio Vaticano II, escrevia: "Na espiritualidade cristã, faz-se impossível separar o antigo do novo. Isto porque o novo não é autêntico se não conserva o antigo e porque o antigo não conserva sua vitalidade se não é vindo de um novo".¹

Os delegados da F.M., que em 1967 aprovaram por voto o novo nome e os Princípios Gerais, também estiveram de acordo, pelo que parece, com esta opinião. Efetivamente, a carta de confirmação da Santa Sé menciona: "Com o desejo de um melhor serviço, os participantes da Assembléia Geral resolveram adotar o nome de Federação Mundial das Comunidades de Vida Cristã, pensando que este título expressava melhor a realidade e o dinamismo interno de sua associação, sem se esquecer de nenhum de seus elementos específicos".

Finalmente, alguém poderia perguntar porque são citados tão poucos nomes dos que estão atualmente comprometidos com as CVX. Certamente se poderá mencionar um grande número de sacerdotes, de homens, de mulheres, de jovens, de jesuítas; mas a lista seria demasiado longa e nestes casos existe sempre o perigo da omissão.

Entender-se-á porque, com profundo agradecimento, recordo apenas cinco leigos, que de maneira muito pessoal, contribuíram generosamente para inaugurar a realidade do movimento CVX tal como existe hoje. Seus nomes são: José Lasaga (Cuba), primeiro presidente da F.M. (1954-59); seus três sucessores: Antonio Santacruz, do México (1959-64); Eric Mathias, da Índia (1964-70); Roland Calcat, da França (1970-76) e Edithe Westenhaver, dos EUA, primeira secretária Executiva (1965-70).

L.P.

Roma, 8 de maio de 1979.

1. *Spiritualität Heute und Morgen*, Geist und Leben, nov. 1966.

II — UM MOVIMENTO DE LEIGOS INSPIRADO POR INÁCIO DE LOYOLA

1540 — 1773

O Fogo de Inácio

O primeiro que se pôs em contato com o fogo de Santo Inácio foi um sacerdote diocesano, Ferdinand Sassen. Especialista na história da filosofia, ele era professor de história (internacional, nacional e eclesiástica) no colégio onde eu era interno. Sua maneira de dar aula era fascinante, porque extremamente inteligente, vibrava de entusiasmo e era mestre na arte da educação. Todo o colégio conhecia sua admiração, quase exagerada, pelos jesuítas. Consagrava-lhes um tempo que parecia desproporcionado, durante os cursos de história da Igreja. Mas todos achávamos aquilo maravilhoso e foi inesquecível, para o bem dos alunos. Também em mim ele causou uma impressão profunda. Tomei até a decisão de que, se fosse sacerdote, seria jesuíta.

Como todos os bons colégios desta época, nos Países Baixos, tínhamos uma Congregação Mariana. Minha surpresa foi grande quando ao sair do colégio fiquei sabendo que esta associação foi fundada pelos jesuítas. Isso mudou a modesta opinião que eu tinha a respeito dela. Como prefeito da divisão dos alunos maiores, tive que redigir um relatório sobre a Congregação Mariana no anuário do Colégio. Este foi o meu primeiro artigo sobre a necessidade de uma renovação.

Na universidade, encontrei de novo uma C.M. Estava bem distante do fogo de Santo Inácio. Encontrei também um antigo professor, que no momento era professor de história da filosofia. Colaboramos no desenvolvimento da formação filosófica em todas as faculdades. Embora meu interesse pela C.M. e até pelos jesuítas houvesse se tornado marginal, no fundo do coração mi-

inha decisão secreta permanecia intacta, e ainda se reforçava minha primeira convicção: a Ordem dos jesuítas só convém a homens excepcionais. Para mim é impossível.

Um dia de 1932, durante o meu terceiro ano, o capelão da universidade me pediu que recrutasse participantes para o retiro anual dos estudantes. Fiz o máximo que pude e fui para o retiro em companhia de quinze companheiros excelentes. O conjunto das outras universidades enviou mais ou menos o mesmo número. Foi então que ocorreu o acontecimento. Sem procurar nada encontrei tudo. Foi como a graça mais pura de toda a minha vida: uma surpresa repentina e inacreditável. Foi-me dada tanta luz, tanta paz, tanta consolação e liberdade que desapareceu até a menor dúvida. A certeza da autenticidade da experiência permaneceu: Deus me chamava para a Companhia de Jesus. Eu havia estado em contato com o fogo, com o fogo de Jesus, com o fogo de Inácio e este contato duraria para sempre.

Conto esta pequena história porque minha vocação de jesuíta praticamente se identifica com a vocação de uma restauração das C.M. Mas os projetos de meus Superiores eram diferentes. Pelo menos por três vezes me confiaram outros cargos. Mas estes planos foram modificados pelas circunstâncias. Deus trabalha assim.

No noviciado fiquei sabendo a verdade sobre as Congregações Marianas. Nas origens deste movimento encontramos Inácio de Loyola. Seu segredo sempre tinha sido o amor infinito de Deus: um fogo, ardendo suavemente, discreto, prudente, mas irresistivelmente conquistador. Assim ele chegou a ser o coração de uma pequena comunidade. Assim, esforçou-se para formar homens verdadeiramente livres. Livres não só para amar e servir mas livres para amar e servir sempre. Livres por serem completamente pobres e puros. Assim, ele chegou a ser o fundador da Companhia de Jesus. Assim, ele chegou a ser o homem que inspirou grupos leigos ao redor de seus primeiros companheiros.

Iniciadores

O fogo se comunica espontaneamente. Não nos surpreende, pois, a descrição que o Pe. Villaret faz no primeiro capítulo de seu livro sobre a primeira etapa da história das C.M. Dá exemplos

de como vários grupos leigos se reuniam ao redor dos primeiros jesuítas. Cooperavam com os padres no apostolado.² Estes grupos tinham diferentes nomes mas um mesmo Espírito os inspirava. Percebe-se freqüentemente nas fontes históricas, que o traço inaciano era uma característica de todos eles. Um escritor contemporâneo afirma: "Se você vê estes homens, perceberá imediatamente que estão compenetrados do espírito da Companhia de Jesus". Mencionam-se várias vezes o que isto significa: membros muito selecionados, formação sólida, meditação e freqüência aos sacramentos, flexibilidade e adaptação a todo tipo de necessidades.

Já em 1540, ano de fundação da Companhia, Pedro Fabro dirigia um famoso grupo em Parma, também chamado Companhia de Jesus. Outro companheiro de Inácio, Pascoal Broet, escreve a Francisco Xavier uma carta no dia 1.º de março de 1545, na qual lhe fala de um florescente grupo em Faenza. Antes, Francisco Xavier havia escrito a Roma contando a ajuda que lhe dava em sua difícil missão um seletivo grupo de jovens, cheios de amor e de zelo. Em 1547, o próprio Inácio começou a Companhia dos 12 Apóstolos em Roma e um ano mais tarde, Nadal iniciou um grupo na Calabria. Ele comunica isso a Inácio numa carta do dia 10 de abril de 1548.

É interessante notar como os jesuítas não só iniciavam grupos novos, mas também com freqüência, eram convidados para reformas de confrarias de várias inspirações que haviam perdido seu espírito original. Algumas vezes esses grupos se transformaram em novas associações que adotavam a espiritualidade dos jesuítas.

2. Emile Villaret, S.J., *As Congregações Marianas* 1, Das Origens à Supressão da Companhia de Jesus, 1540-1773, Beauchesne Paris 1947, 607 pp.

Outro volume deste tipo, tratando do segundo período 1773-1948, estava em preparação, mas o autor não pode terminá-lo antes de sua morte em 1952. Após sua morte, encontrou-se um manuscrito de uma história abreviada dos dois períodos juntos. Foi publicado em 1953 pelo Centro Leunis de Montreal: *Petit Abregé de l'Histoire*, 309 pp. O Secretariado Nacional dos Estados Unidos, The Queen's Work, publicou a tradução inglesa: *Abridged History of the Sodality of Our Lady*, S. Louis Mo. 1957, 181 pp.

Colocou-se o problema sobre se as C.M. neste primeiro período podiam ser consideradas como uma Terceira Ordem da Companhia de Jesus. É verdade que nessa época existia uma íntima união entre as associações. As C.M. tinham o espírito dos jesuítas e somente eles poderiam ser seus assistentes. Mas, as C.M. nunca foram uma Terceira Ordem. Isto ficou claro em 1773, quando se suprimiu a Companhia e as C.M. continuaram por conta própria. O que Clemente XIV fez pode ser criticado, mas o fato foi juridicamente correto.

Fundação

No dia 3 de maio de 1556, um jovem de 24 anos, vestido de operário, apresentava-se à casa dos jesuítas próxima à pequena Igreja de Nossa Senhora da Estrada. Veio a pé desde a longínqua Liège, na Bélgica e queria ingressar na Nova Companhia de Jesus. Provavelmente já conheceria alguns jesuítas em sua terra natal. O próprio Inácio, juntamente com Polanco, seu secretário, examinaram o novo candidato e depois de alguns dias iniciou seu noviciado. Inácio faleceu três meses mais tarde. Ele recebera em sua Companhia a John Leunis, com muita razão considerado o fundador das C.M.³

A história é muito conhecida. No colégio Romano, o centro europeu de formação, fundado por Inácio em 1551, Leunis reuniu um grupo de estudantes e os preparou para o apostolado na cidade de Roma. Fez exatamente o que outros jesuítas estavam fazendo em outros lugares. Desde 1563, seu nome é sempre lembrado.

Existia uma rede completa de comunicações entre os membros da Companhia. O compartilhar e o comunicar são características próprias de uma comunidade feita por Inácio, como Companhia de amor. Leunis, portanto, conhecia os grupos leigos existentes. O que ele começou não foi original. Graças a seus excepcionais talentos de educador, ele o realizou de maneira original. Pelos documentos, sabemos que ele tinha um carisma especial para trabalhar com jovens.

3. J. Wicky, S.J., com a colaboração de R. Dendal, S.J., *o Pe. Jean Leunis 1532-1584 Fundador das Congregações Marianas*, Roma 1951, Inst. Hist., S.J., 136 pp.

Em poucos anos o Colégio Romano se tornou famoso. Indicava não só doutrina e espiritualidade sólidas, mas também alta cultura e ciências humanas. Um ambiente ideal para preparar homens cultos, artistas, santos, mártires e missionários. Neste ambiente, Leunis, fiel discípulo de Inácio, quis fazer algo mais.

John Leunis morreu a 19 de novembro de 1584. Poucos dias mais tarde, Gregório XIII estabelecia canonicamente a Congregação do Colégio Romano. Além disso, declarou o grupo de Leunis como "mater et caput" (Mãe e cabeça) de todos os grupos semelhantes. Em termos canônicos: converteu-se em Primária (grupo primário) com direito a congregar outros grupos de sua mesma natureza. Através desta filiação todos os grupos participavam das indulgências e privilégios da "Primária".

Depois a Primária se dividiu, por idade, em três grupos: primeira, segunda e terceira primária. Já que a Primeira Primária estava sob a jurisdição da Companhia de Jesus só o Superior Geral podia conceder uma filiação. Tentava-se não somente transmitir dons espirituais, mas também formar uma unidade e garantir a autenticidade.

Originalidade de Leunis

Leunis foi original pelo menos três aspectos. Antes de tudo, na maneira tão extraordinária de formular o fim das C.M. Segundo, em seu esforço para promover a responsabilidade e a atividade dos leigos. Terceiro, em sua maneira prática de formar comunidade e de desenvolver a vida comunitária.

O fim

Evidentemente, Leunis e seus colaboradores consideravam o fim das C.M. como unidimensional, não bidimensional. Eles não pensaram (como já se afirmou) em animar a vida cristã e também a vida científica. Eles se propuseram uma unidade de vida, reunindo todos os aspectos da existência humana numa forma de vida cristã.

Já que abordamos um dos elementos mais fundamentais dos Princípios Gerais, gostaria de citar as quatro diferentes fontes no texto original.

Os membros das C.M. do Colégio Romano escrevem em suas regras de 1574 (as mais antigas que conhecemos) "desiderosi di far profitto si nelle lettere come nello spirito..." (querendo progredir tanto em nossa formação científica como espiritual). Mais adiante, no mesmo documento: "Essendo il fine di questa nostra congregazione congiungere le lettere con la pietà cristiana..." (já que o fim de nossa congregação é unir a formação científica com a vida cristã).⁴

A expressão francesa, nas regras de 1575, é ainda mais clara. Aqui os membros do grupo do Colégio de Clermont (Paris) onde Leunis trabalhava, escrevem assim: "Pource donné que le fin de notre congrégation est de conjoindre les lettres à la pieté chrétienne" (já que o fim de nossa congregação é conjugar a formação científica com a vida cristã).⁵

Temos ainda outro texto (latim) escrito em 1582, pelo mesmo grupo de Paris. Diz o preâmbulo: "Primum unicuique propositum esse debet ut studia litterarum pietatemque copulet" (A principal intenção de cada um deverá ser a unidade da vida científica com a vida cristã).⁶

As primeiras regras comuns do Pe. Aquaviva que regeram durante quase três séculos (1587-1855) expressam em termos diferentes o mesmo ideal. O texto original está em italiano: "Perché il fine è... l'acquisto delle virtù e della pietà cristiana insieme col profitto delle lettere" (já que o fim é o crescimento na virtude e na vida cristã juntamente com o progresso científico).⁷

É quase incrível que esta longa tradição de integração, simplesmente desapareça quase por completo nas regras de 1855 e também mais tarde nas últimas regras comuns de 1910.⁸ Os Princípios Gerais de 1967, estabeleceram de novo o contato com a autêntica inspiração de Inácio: "nossos grupos são para aqueles que sintam a necessidade mais urgente de unir sua vida humana, em todas as dimensões, com a plenitude de sua fé cristã".

4. Wicky, p. 127.

5. Wicyk, p. 131.

6. Wicky, p. 134.

7. Elder Mullan, S.J., *La Congregazione Mariana Studiata nei documenti*, Roma, 1911, 512, p. 25.

8. Mullan, pp. 146 e 277.

Responsabilidade dos leigos

Surpreende-nos o fato de que os primeiros documentos do século XVI estejam muito mais de acordo com os ensinamentos do Vaticano II sobre o apostolado dos leigos, que o documento do século XX, responsável pela imagem típica das C.M.: as regras de 1910. Para Leunis era natural que os estudantes de seu primeiro grupo decidissem sobre suas próprias regras, tomando eles próprios as principais decisões. Deviam escolher não só os líderes do grupo e os oficiais, mas também o jesuíta responsável e inclusive o cardeal protetor (no tempo em que ele tinha este cargo). Em outras palavras, ele lhes deu plena responsabilidade.

As regras comuns de 1587, elaboradas pelo Pe. Aquaviva, são menos radicais que as de Leunis, mais suficientemente impregnadas do espírito do fundador, para inspirar um leitor atual. De fato, elas foram uma grande ajuda para a composição dos Princípios Gerais.

Aquaviva e seus conselheiros, pouco preocupados com considerações jurídicas, tentaram, sobretudo, animar os jovens cristãos a criar um ambiente espiritual coerente com o fim das C.M.: a formação dos leigos, conscientes de sua vocação pessoal na Igreja de seu tempo. Uma palavra como “diretor”, introduzida depois de mais de 300 anos, nas regras de 1910, parece não estar de acordo com este ambiente. A concepção de um diretor é alheia ao pensamento de Leunis e de Aquaviva e é lamentável que se a tenha usado em traduções e explicações. Todas as regras locais e o texto original de 1587, usam invariavelmente a palavra “padre” quase sempre junto com “prefecto” (presidente), também chamado “il capo” (o chefe) ou “superior”. A combinação “padre-prefecto” aparece 40 vezes e mostra a consciência de enfatizar sua responsabilidade comum, mais que sua diferença hierárquica.

Vida Comunitária

Em nossos dias, um dos textos bíblicos mais usados é o de Mt 18,20 “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles”. É o melhor e o mais belo texto no qual se pode fundamentar e justificar a vida comunitária. Leunis e os primeiros membros das C.M. não só usavam este texto, mas o in-

corporavam no próprio nome. O texto latino diz: “Ubi duo vel tres congregati sunt...” Dai o nome “congregatio”. Portanto, não nos surpreende que este texto apareça na primeira página da cópia mais antiga das regras das C.M., redigidas por Leunis e os membros do grupo Clermont, em Paris. O folheto é de 1575 e atualmente se encontra na Biblioteca Nacional Francesa de Paris.

As regras do Colégio de Clermont são semelhantes às de 1574, do Colégio Romano. Para ambas o preâmbulo é idêntico, deixando transparecer um forte vínculo comunitário: “de comum acordo entre nós, decidimos redigir algumas regras que possam nos ajudar na integração de nossos estudos com a vida espiritual, para podermos viver plenamente em união com Deus, em paz entre nós, dando desta forma testemunho aos outros e nos dispendo melhor para receber luz, graça e dons de sua divina bondade”.

Todos os dias estes “irmãos” iam juntos à missa. Faziam juntos a meditação. Reuniam-se para cantar parte do Ofício de Nossa Senhora e faziam juntos o exame de consciência e preparavam a meditação do dia seguinte. Os oficiais eram responsáveis pela participação dos membros na troca de opiniões nas reuniões semanais. Havia uma regra especial que recomendava o amor e a união mútuos: “todos são membros de uma mesma família e irmãos em Cristo”. As palavras “cada irmão” são usadas com frequência. Numa verdadeira comunidade tudo é feito de tal maneira que todas as pessoas são igualmente valorizadas.

Um quadro inspirador

Foi Leunis também o iniciador do caráter mariano das C.M.? Temos alguns fatos: muitos dos primeiros grupos que se reuniam ao redor dos jesuítas não tinham explicitamente caráter mariano. Claro que, como fiéis católicos, eles eram formados na escola dos Exercícios e tinham um grande amor à Nossa Senhora, mas nem sempre uma especial devoção como o grupo de Leunis lhe dedicava. Também é certo que antes de ingressar na Companhia, Leunis era conhecido por seu profundo amor à Mãe de Deus.

Outra resposta é dada no preâmbulo das primeiras regras, já mencionadas. “Já que é costume que tais congregações se encomendem elas próprias, a um patrono celeste para proteção e guia, e do qual tomam o nome, e, visto que temos uma devoção especial

à Nossa Senhora da Anunciação, Mãe de Deus, nós, com toda a humanidade nos dedicamos a ela, suplicando que nos ajude em todas as nossas ações, especialmente na ordem e observância das regras de nosso grupo que são as seguintes..."

O preâmbulo menciona duas vezes a Anunciação, nome da Igreja do Colégio Romano. Havia sobre o altar-mor um grande e belo quadro. Não era a representação comum da Anunciação, apenas Maria e o Anjo, mas o panorama inspirador completo da contemplação sobre a Encarnação nos Exercícios: A Santíssima Trindade, toda a criação e a humanidade com Nossa Senhora e seu "fiat" no centro. Jesus começou sua vida terrena nessas circunstâncias. Este quadro era uma constante recordação do ponto alto dos Exercícios. Tanto os Padres como os estudantes gostavam deste maravilhoso quadro. Ele chegou a ser a permanente inspiração não apenas de um grupo, mas, progressivamente, de todo o movimento mundial.

Hoje este quadro já não existe. Em 1626, a Igreja da Anunciação foi demolida para dar lugar à Igreja maior de Santo Inácio. Conservou-se apenas o pormenor de Nossa Senhora. Isolado e tirado de seu contexto de uma perspectiva mais ampla da História da Salvação, é conhecida hoje como a Virgem da Primeira Primária.

No programa da primeira reunião da Federação Mundial (Roma, 1954) foi publicada uma reprodução em branco e preto, do antigo quadro. O mistério da Anunciação — Encarnação que não foi mencionado nas regras de 1910, volta a ser a maior inspiração dos Princípios Gerais.

III — ENFRAQUECIMENTO DO ESPÍRITO AUTÊNTICO

1773 — 1948

Decisões Estranhas

Num tormentoso período de inquietude e confusão, a suprema autoridade da Igreja, forçada por poderes políticos, agiu de uma forma que, realmente, ninguém poderia imaginar. No dia 21 de julho de 1773, Clemente XIV assinou a Bula que suprimia a Companhia de Jesus, todos os seus trabalhos, ministérios e atividades.

Mais de 20.000 jesuítas foram expulsos de suas obras e o Geral foi encarcerado. Os Bispos locais tiveram que ler a Bula em todas as casas da Companhia. Esta promulgação, fundamental para sua validade, foi proibida na Rússia. A Imperatriz Catarina II que em 1772, havia ocupado uma parte da Polônia, não quis preocupar os católicos de seu país. Portanto, a Companhia de Jesus e todos os seus trabalhos, incluindo um florescente movimento de C.M., continuou existindo.

Em outros lugares, a Companhia e, conseqüentemente, também as C.M. desapareceram. Esta foi a conseqüência lógica da decisão papal. Mas Clemente XIV surpreendeu novamente o povo com sua atuação. No dia 14 de novembro do mesmo ano, decidiui que as C.M. podiam continuar em todos os lugares independentemente dos jesuítas! Foi uma exceção surpreendente na aplicação da Bula de supressão: As C.M. em vez de serem suprimidas adquiriram uma nova dimensão... De um trabalho privilegiado dos jesuítas, de repente, as C.M. passaram a ser um dos trabalhos normais da Igreja Universal. Subtamente foi arrancada de sua inspiração original e, ao mesmo tempo, se expôs a um crescimento irregular: todos os Bispos podiam estabelecer as C.M. em qualquer parte do mundo. Muitos o fizeram. Durante o primeiro período (1540-1773) estavam filiados uns 2.500 grupos. Este número chegou a 80.000 no segundo período (1773-1948). Teria sido um milagre se essa evolução não tivesse afetado negativamente o espírito autêntico das C.M. Hoje sabemos que no decurso dos anos, o movimento como tal, simplesmente mudou porque perdeu a tradição. Onde estava o fogo de Inácio?

Não foi a supressão da Companhia que causou a perda do espírito do movimento C.M., mas a decisão de 14 de novembro de 1773. Sem esta decisão, as C.M. teriam sido suprimidas, para serem restabelecidas em 1814, juntamente com a Companhia. Teria sido uma vantagem no caso de se tornar um movimento da Igreja Universal, mas o movimento mudou muito em suas características mais essenciais. Chegou a ser — pelo menos na maioria dos casos — um movimento piedoso massificante, diferente daquele que Inácio ou Leunis ou Aquaviva haviam fundado.

Claro que isto é só uma face da moeda. Grupos muito bons atuavam em muitos países, mas o movimento como tal, havia perdido o contato com o espírito, o espírito de seus fundadores. Res-

ta dizer que, inclusive em sua nova forma o movimento fez muito bem, respondendo às necessidades em muitos lugares.

Principalmente depois da promulgação dogmática da Imaculada Conceição (1854) as C.M. se tornaram ainda mais populares. Segundo muitos sacerdotes, foi um meio infalível para proteger a juventude do mal. Conheço pessoalmente um Bispo que resolveu iniciar, em todas as suas paróquias, duas Congregações Marianas, uma para rapazes e outra para moças. Sistemáticamente se organizavam e se impunham. Exigia-se para todas filiação com Roma, o que se conseguia com facilidade. Indubitavelmente, este Bispo não foi uma exceção. Aumentou o número de C.M. e neste sentido esta época se distinguiu como um “período florescente” da história C.M.

Qual foi a reação dos jesuítas? Muitos pensaram: podemos aceitar que se perca o autentico espírito sem fazer alguma coisa para restabelecê-lo? A C.M. não foi uma filha da Companhia? Não é uma parte de nossa vocação, inspirar o movimento com o carisma específico do “homem de Igreja”, Inácio de Loyola, principalmente desde o momento em que as C.M. se converteram em atividade da Igreja Universal?

Decisões Favoráveis

Em 1922, o Pe. Ledóchowski, Geral da Companhia convocou os jesuítas que trabalhavam nas C.M. para uma reunião. Foi o primeiro passo para a renovação. Quarenta padres de 19 nações, impulsionados por um forte sentido de responsabilidade, queriam resultados práticos e concretos. A reunião foi muito boa. Nenhuma resolução a mais; só uma decisão: começa em Roma um secretariado central, um centro de serviço, não só para os grupos jesuítas, mas para todos os outros. Foi o primeiro secretariado deste tipo na cúria dos jesuítas. Não porque as C.M. fossem o trabalho mais importante da Companhia mas simplesmente porque elas eram o trabalho mais descuidado e o que pedia maior ajuda e inspiração. Hoje a cúria conta com 8 secretariados semelhantes para outros trabalhos.

O principal argumento para a fundação do secretariado internacional foi a experiência positiva de alguns secretariados nacionais já existentes. Os Padres dos EE.UU. e dos Países Baixos in-

formaram que seus respectivos centros nacionais de serviço, trabalhavam muito bem. Por que não aplicar a mesma experiência em nível internacional?

É interessante notar que nesse mesmo ano (1922), pelo menos em três países, já existiam federações nacionais. Os delegados explicaram claramente as diferenças entre uma federação (meio normal de organização das C.M.) e um secretariado (meio extraordinário exigido por circunstâncias especiais). A formação de federações regionais era uma prática comum antes de 1773. As regras de 1910 confirmam esta prática e dizem que uma federação é sempre para a maior glória de Deus. Se um grupo tem o verdadeiro espírito, quererá compartilhá-lo com outros grupos. Se isto se faz de forma permanente, já se tem uma federação. É a linha natural de desenvolvimento das comunidades pequenas. O principal trabalho do secretariado será portanto: a promoção de federações. Se a federação está madura, o centro de serviço — geralmente falando — pode desaparecer. Já cumpriu o seu papel.

É evidente que a decisão de 1922 foi sensata. Não só porque o novo secretariado foi a primeira tentativa internacional para a renovação. Mas porque à luz do que se acaba de dizer, foi inclusive o primeiro passo para a federação mundial.

Os delegados de 1922 não puderam prever as conseqüências de sua reunião. Olhando para trás, podemos dizer que foi uma reunião extremamente proveitosa. O secretariado central viu que era necessário um documento oficial e fundamental da Igreja. O Papa decidiu escrevê-lo. Preparou-se a “Bis Saeculari”. Viram também que se fazia necessária uma federação mundial. E foi criada. Por sua vez, a federação mundial notou a urgência de uma transformação enérgica, e começaram a trabalhar neste sentido. A federação mundial nos deu os Princípios Gerais e as Comunidades de Vida Cristã.

Tudo isto não significa que o novo secretariado foi uma instituição sem defeito. Longe de sê-lo! Mas demonstrou que se pode trabalhar com meios simples e insuficientes. Esta oficina internacional que servia a um movimento mundial, cujos membros eram mulheres, em sua maioria, não era nem sequer acessível às pessoas de fora, muito menos à presença feminina. Era uma instituição privada dos jesuítas, dentro da clausura, estrita e severa naquela época. Além disso, como reformar uma organização sem

autoridade? Desde 1773, como vimos, as C.M. estavam sob a jurisdição dos Bispos. Só 5% dos grupos estavam estabelecidos em casas jesuítas. E, como trabalhar com a cooperação de leigos competentes? Sobretudo: como “converter” milhares e milhares de líderes espirituais espalhados por todo o mundo? Até entre os jesuítas era pouco conhecido e apreciado o verdadeiro significado de sua própria criação. Não podiam acreditar que a Associação Mariana, chamada C.M., tivesse alguma coisa a ver com Companhia de Jesus.

Um Papa provocou a perda do espírito; outro Papa iniciou seu ressurgimento. Pio XII, conhecendo por experiência pessoal a espiritualidade inaciana, e o impacto original das C.M., acompanhou com interesse os esforços do secretariado central. No ano de sua eleição (1939) o encarregado do secretariado era o Pe. Emile Villaret. Havia entre os dois amizade e mútua apreço. Em 1953, depois da morte do Pe. Villaret, o Papa me disse que, para ele, o Padre era um santo. Pio XII é, sem dúvida, o maior promotor das C.M. Ele fez tudo que estava ao seu alcance para apoiar a renovação, com todo tipo de referências, cartas, mensagens e outras provas de sua predileção. Finalmente, ele decidiu dar um passo extraordinário, ou seja: proclamar um novo estatuto para toda a Igreja. Realizou-o da maneira mais solene e oficial, com uma Constituição Apostólica, obrigatória para toda a Igreja e sem necessidade de promulgação especial. “Bis Saeculari” era exatamente o que se fazia necessário: uma declaração clara da autoridade sobre a identidade própria das C.M., um chamado urgente à reforma, orientações para o futuro e algumas explicações sobre o apostolado dos leigos em geral.

Novos Desafios

Foi enorme o impacto deste documento. Não é exagerado dizer que em algumas nações produziu o efeito de uma bomba. É verdade também que eu estava nos Países Baixos e me encontrava numa posição privilegiada para observar as reações. Nessa época eu era encarregado do secretariado nacional das C.M. e aconteceu que também me cabia o papel de capelão da imprensa católica. No dia 2 de setembro de 1948, recebi por correio especial (formidável serviço do secretariado de Roma... sem greves!) uma cópia da Acta Apostolicae Sedis da mesma data, juntamente com

o texto oficial latino da “Bis Saeculari”. Estávamos aguardando algo de Roma, mas nunca um documento tão bom e tão claro como este. Imediatamente decidimos preparar um comunicado, tentando traduzir as compactas palavras latinas para o holandês moderno. O diretor da KNP (Agência Nacional de Imprensa) estava muito contente por ser o primeiro a publicar a notícia. No dia seguinte, ocupou a primeira página em nossos três principais diários católicos e em mais de trinta diários regionais. Daí em diante os telefones da Agência não paravam de tocar.

A principal razão deste choque foi a declaração papal de que a C.M. era “uma forma especial e sobressalente de Ação Católica”, derrubando assim um sólido sistema de pensamento uniforme sobre o apostolado dos leigos e abrindo o caminho a uma nova e multiforme evolução.

Hoje tudo isso pertence à história e já não tem tanto interesse. Existem outros aspectos do documento que são mais importantes, como por exemplo: o desafio à vivência conforme o antigo ideal; o apelo à reforma e à renovação; a urgência de uma resposta de um movimento mundial. Mas o aspecto mais essencial é a ênfase que se dá ao caráter inaciano, ressaltando a prioridade absoluta dos Exercícios Espirituais.

Termina um período marcado por estranhas e formidáveis decisões. Estranhas decisões: obriga-se a Companhia de Jesus a desaparecer enquanto se obriga às C.M. a continuarem sem os jesuítas. Decisões favoráveis: a fundação do secretariado central em Roma, seguida da promulgação do documento fundamental da Igreja.

Deus trabalha assim.

IV — A TRANSFORMAÇÃO EM COMUNIDADE DE VIDA CRISTA

Depois de 1948

Fundação da Federação Mundial

A nova constituição promulgada por lei, para toda a Igreja, foi de modo especial endereçada às C.M. Não a um ou alguns

países, mas às C.M. como movimento mundial. Em todos os lugares a mesma pergunta: e agora, que se deve fazer? Que temos que fazer?

Reunião em Roma — 1950

A primeira resposta vem dos jesuítas. O sucessor do Pe. Le-dóchowski, o Pe. Janssens fez o mesmo que seu predecessor em 1922. Convocou uma reunião internacional de jesuítas, organizada pelo secretariado central. As sessões foram realizadas na cúria dos jesuítas, do dia 15 a 22 de abril de 1950. Vieram, desta vez, 11 padres de 40 nações. Eu estava lá, juntamente com outro Padre, representando os Países Baixos. Foi uma reunião muito pesada, muitas conferências e longas discussões sobre diversos aspectos e elementos das C.M.; uma reunião extremamente silenciosa com relação às fontes originais. Tudo foi visto à luz das regras de 1910.

Depois de uma longa conferência sobre “as formas externas das C.M.”, eu perguntei porque dedicar tanto tempo às formas externas, uma vez que todos nós sabíamos que, na realidade, nenhuma forma externa era essencial às C.M. Uma de suas características específicas é exatamente sua flexibilidade e adaptabilidade. Realmente, não fiquei sabendo se “todos nós” estávamos de acordo neste ponto. O certo foi que ninguém reagiu, exceto o Pe. Geral. Sua intervenção foi sumamente amável, mas precisa, pelo menos até certo ponto: eu havia menosprezado as normas jurídicas. Obviamente a idéia do Pe. Janssens com relação às C.M. era diferente da minha.

Depois da reunião de 1950, grande parte da pergunta “e agora, que se deve fazer?” ficou sem resposta. Todos estavam de acordo que se devia implantar a nova Constituição (isso todos já sabíamos antes da reunião). Mas não perguntamos sobre o como fazê-lo? Com que meios eficazes contamos? Necessitamos de novos caminhos?

Ainda mas, surgiram perguntas novas. Os jesuítas tiveram sua reunião internacional, mas, e os leigos? Os jesuítas sózinhos podem representar uma associação de leigos? Onde estão os representantes dos leigos? Onde entra a responsabilidade dos leigos

em nível mundial? Qual a opinião dos leigos sobre a “Bis Saeculari”, a renovação, as novas regras, as novas estruturas?

De volta a Haia, estive muito ocupado com o trabalho do centro nacional. Uns 2.000 grupos queriam ajuda e inspiração. Não havia lugar para problemas internacionais...

Uns meses mais tarde, meu Provincial me chamou. Ele acabava de chegar de uma visita de algumas semanas a Roma. Tinha que me dizer algo “da parte do Pe. Geral”. Não me surpreendi. Finalmente uma observação. O Provincial, geralmente muito aberto, estava bastante tímido: “fiz todo o possível para te salvar, mas não consegui”. Disse-lhe que estava bem. Acrescentou: O Pe. Geral quer, insistentemente, que você vá a Roma para se encarregar do Secretariado Central”. Eu? Não podia acreditar. No dia 19 de fevereiro de 1951, cheguei a Roma.

No dia seguinte o Pe. Janssens me recebeu. Nenhuma palavra sobre nossa discussão. Apenas cordialidade e total confiança: “Por favor, viaje o mais que puder, o tempo de ficar em casa terminou”. Pediu-me também que preparasse uma instrução sobre as C.M. para todos os jesuítas.

Um mês mais tarde a Instrução estava pronta. Antes de fazer minha primeira viagem, senti que havia urgente necessidade de se escrever, antes de tudo, um memorandum relativo à oportunidade de se preparar uma federação mundial. Razões: o secretariado não é suficiente. Não poderá representar todas as C.M. em nível mundial. Necessitamos de um corpo representativo de leigos competentes (há suficientes) juntamente com sacerdotes. Os leigos devem assumir a responsabilidade em suas próprias mãos. Que se chame união mundial, federação mundial, comunidade mundial, o nome não tem importância. O essencial é que o pessoal se reúna. Que possam trabalhar, discernir e rezar juntos, que possam cooperar com os outros e servir à Igreja em nível mundial. Sem esta simples estrutura nova, as C.M. existentes em muitos países não são consideradas e não estão presentes em nível mundial. Sem esta nova união, as C.M. não podem viver de acordo com sua vocação. Sem esta comunicação permanente entre os responsáveis, parecia impossível a restauração das C.M., desejada por Pio XII. Finalmente, uma federação mundial era o mais adequado numa época em que a comunicação internacional esta-

va crescendo rapidamente em todos os lugares. Por que, com frequência, chegamos tarde demais?

O Pe. Janssens estudara com muito cuidado o memorandum, mas ainda não estava convencido. Havíamos discutido sobre estes temas em várias ocasiões, mas era difícil chegar a um acordo. A principal dificuldade para o Pe. Geral era: como conciliar a “centralização” proposta com a “autonomia” tradicional da C.M. Podia-se responder que cada federação, longe de ser uma centralização, era uma unificação, livremente escolhida, com elementos de descentralização e que cada autonomia era sempre limitada e relativa.

Nessa época, o Pe. Janssens recebeu um longo e forte memorandum contra a federação mundial. Mas as razões eram tão sem peso que ele nem as levou em consideração. Pelo contrário, estimulou-me a continuar buscando, mas me disse: “não vejo muito claro”.

V — REUNIÕES EM ROMA — 1951 E EM BARCELONA — 1952

O primeiro congresso mundial de apostolado dos leigos que se realizou em outubro de 1951, em Roma, proporcionou uma ótima oportunidade para mostrar a necessidade de uma união mundial. As C.M., um dos movimentos mais antigos de apostolado dos leigos, não puderam ser convidadas porque não existiam em nível mundial! Graças à amabilidade e compreensão dos organizadores, puderam convidar dez membros para formar uma delegação internacional. O congresso também foi uma boa oportunidade para se organizar uma reunião com todos os membros de C.M. presentes. Descobrimos então, que 15 deles pertenciam a diversas delegações nacionais. Diante de um grupo de 25 (2 sacerdotes diocesanos, 4 jesuítas e 19 leigos) expliquei a urgência da cooperação sobre uma base internacional permanente. Todos estiveram de acordo, mas apenas um ou dois aceitaram a forma de federação mundial. A idéia era muito nova para eles e desejavam mais tempo para refletir.

Alguns dias depois tivemos outra reunião. Desta vez estavam comigo 40 de 16 países diferentes. O Cardeal Gracias de Bombaim havia acompanhado os delegados da Índia. Ele falou na reu-

nião, enfatizando a necessidade de maior seleção, segundo o espírito da “Bis Saeculari”. Uma proposta foi aprovada por unanimidade: realizar uma reunião dos membros das C.M. por ocasião do Congresso Eucarístico do ano seguinte, 1952, em Barcelona. Lá, se voltará a discutir o assunto da federação mundial.

Em Barcelona não só todos estiveram de acordo, mas também pediram ao Secretariado de Roma que preparasse alguns Estatutos “tão logo fosse possível” e que fosse entregue a Pio XII para a aprovação. Estudantes universitários, membros da famosa C.M. do Pe. Vergés, constituíam a maioria desta reunião. Em 1947, eles haviam organizado um congresso internacional. Estive presente, então, com uma delegação holandesa e todos ficamos muito bem impressionados com o dinamismo destes jovens. Com razão, para eles era óbvio estabelecer — finalmente — um contato internacional permanente entre os grupos de todo o mundo.

Foi enviado um projeto de Estatutos a todas as federações e secretariados nacionais. Recebemos muitas expressões de adesão e muito poucas correções. No início de 1953, o projeto foi apresentado a Pio XII, sua primeira reação foi rápida. Manifestou sua satisfação e prometeu enviar uma carta de aprovação na qual insistiria sobre alguns pontos de importância geral. Esta carta datada de 2 de julho de 1953, começa com esta frase: “todos os que conhecem a nossa atitude para com o apostolado moderno, sabem também quanto apreciamos as C.M. e quanto nos interessamos por um contínuo crescimento espiritual”.

Com esta carta foi fundada oficialmente a Federação Mundial.

A Federação foi o resultado de um processo de crescimento natural, a unificação de realidades existentes: federações e comunidades.

“A Federação Mundial não foi criada de maneira artificial. Ao contrário, nasceu naturalmente. Deve-se considerá-la, sobretudo, como organismo em lugar de organização. Deveria atingir seu fim com um mínimo de estruturas, inspirado por um máximo de espírito católico. Vivemos um período de problemas sérios, mas com frequência os complicamos com o excesso de organização. A F.M. deve ser simples, o espírito de Nossa Senhora é muito simples.” (Reflexão sobre a F.M., Assembléia Geral, Roma 1954).

No dia 13 de abril de 1954, Pio XII nomeou Assistente Eclesiástico da F.M. o Arcebispo José Gawlina. Dom Gawlina tinha sido capelão-chefe da armada polonesa durante a última guerra mundial e vivia exilado em Roma. Morreu repentinamente na noite de 21 de setembro de 1964, enquanto preparava um trabalho para o Vaticano II sobre os deveres dos Bispos. Dom Gawlina foi um grande amigo, sempre pronto a nos ajudar. Tinha uma grande personalidade, firme e corajoso, mas ao mesmo tempo era excelente exemplo de adaptabilidade simples e de humildade como de criança. Nossa Federação não lhe deu muitas satisfações, certamente nenhuma honra. Antes, muito trabalho, preocupações e sofrimentos.

No dia 17 de junho de 1965, Paulo VI nomeou como seu sucessor, o Bispo René Audet, do Canadá.

Nossos Princípios Gerais

E agora, qual seria o passo seguinte? Como reunir as pessoas?

A resposta não foi difícil. Vários países haviam solicitado ao Secretariado de Roma a organização de um "Congresso Mundial" por ocasião do Ano Mariano (1954). A proposta pareceu muito boa e facilmente pôde conciliar com a primeira reunião da nova F.M.

Reunião em Roma e em Newark

O Congresso, organizado com a ajuda de nossos amigos italianos, foi verdadeiramente maravilhoso. Uma explosão de vitalidade e entusiasmo. Uma magnífica manifestação religiosa e artística, possível apenas em Roma. Foi uma surpresa para muitas pessoas. Os jornais falaram de uma "assembléia histórica".

Este qualificativo corresponde ainda melhor à singela reunião na Universidade Gregoriana onde se reuniu pela primeira vez o Conselho Geral. Esta universidade é a continuação direta do Colégio Romano, onde há 400 anos, Leunis havia começado. Podia existir no mundo um lugar mais apropriado que este para se iniciar a F.M.? Foi interessante e motivador ver como estes primeiros delegados compreenderam imediatamente o que tinham que

fazer. Plenamente conscientes de sua independência responsabilidade deixaram de aceitar instruções do Secretariado. No auge da desordem e da improvisação, fizeram o programa e organizaram as eleições para o Conselho Executivo. Devia-se começar. Isto constituiu apenas o início, formulado no programa como um ponto de partida para a renovação em escala mundial".

Newark 1959, também foi a união de um grande congresso com a reunião do Conselho Geral. Mas Newark marcou um avanço considerável. A maioria dos participantes se hospedou no enorme campus de "Seton Hall University". Existiam maiores possibilidades de relacionamento mútuo, comunicação e troca que em Roma. Os 5 grupos lingüísticos do Congresso, subdivididos em uns 70 grupos menores, procuraram encontrar caminhos para melhorar e adaptar as C.M.

O ambiente do Congresso Geral foi muito promissor. Um espírito empreendedor se manifestou em muitas intervenções. Todos queriam uma renovação séria e rápida. Os delegados responsáveis trabalharam em todos os tipos de sessões informais para conquistar o fim que se propunham. Numa destas reuniões, especialmente representativa, todos manifestaram sua plena confiança no Secretariado de Roma e se encarregaram de começar a preparar, sem perda de tempo, novas regras comuns. Este foi o primeiro passo para os Princípios Gerais.

O que Newark desejou era mais que justificado. Duas guerras mundiais haviam transformado fundamentalmente a sociedade humana e nós ainda estávamos trabalhando com as regras de 1910. De 1951 1952 eu havia viajado muito e conhecia perfeitamente os desejos da base. Mas isto era mais que um mero desejo: o mandato dado por um corpo oficial.

Voltei a Roma com este mandato mas também com um problema. Até então só o Superior-geral da Companhia tinha a faculdade de fazer novas regras comuns. Esta norma já estava superada depois da fundação da F.M., mas ainda era juridicamente válida.

Informei o Pe. Janssens sobre o mandato. Não falamos do problema pois, ele, perito eminente em direito canônico, o conhecia melhor que ninguém. Mas sua reação (como eu havia pensado) foi: "se tais estão de acordo, continue". Desta forma o Pe.

Janssens reconhecia a autonomia da F.M. oito anos antes da aprovação das novas estruturas jurídicas.

Podíamos agora começar a preparar os Princípios Gerais, graças a reunião de Newark e à grande intuição criativa do Pe. Geral.

O Pe. Janssen havia se convertido num entusiasta promotor da F.M., especialmente a partir do Congresso de Roma, em 1954. Sempre estimulando, sem nunca pôr dificuldades, constantemente ajudando em tudo. Isto ficou claro em 1962. O título 1.º do Estatutos diz que a F.M. terá sua sede em Roma. Para garantir a desejada união entre a F.M. e a Companhia de Jesus, os próprios Estatutos dizem que a pessoa encarregada do secretariado jesuíta será o vice-assistente da F.M. Foi pois muito normal que a sede da F.M. fosse bem recebida no Secretariado jesuíta. Por outro lado, esta não foi uma solução prática: o problema era a clausura. Tivemos então que procurar um lugar, mas foi muito difícil. De repente, sem ninguém esperar, ficou livre um grande apartamento com entrada especial na cúria jesuíta. Muitos o queriam para seu respectivo escritório, mas o Pe. Janssens decidiu: "este é para a F.M..." graças à generosa ajuda de um bom amigo, todo o seu interior foi arrumado sob a direção artística do Pe. Noyons. Era um lugar ideal: perto do Vaticano e da cidade; contato pleno com a cúria jesuíta e seus numerosos visitantes e todo tipo de serviços e facilidades à disposição da F.M.

O Pe. Janssens morreu no dia 5 de outubro de 1964. Seu sucessor, o Pe. Arrupe, eleito em 1965, confirmou esta acomodação. É a ideal não apenas o lugar mas também a relação entre os jesuítas e a F.M.

Nada de Pré-fabricação

Os historiadores e os documentos pontifícios nos dizem que as regras das C.M. são o resultado de experiências prévias. Os primeiros grupos não começaram com regras, começaram com a vida. Encontraram sua inspiração não num sistema, mas no espírito dinâmico de uma nova Ordem religiosa. Começaram em 1540. A primeira série de regras data de 1574.

Pode-se dizer o mesmo dos Princípios Gerais. Não foram pré-fabricados num escritório. São o fruto de uma experiência

de vida; e não só de uma longa tradição, mas também de novos grupos em todo o mundo. Todos estes grupos seguiram a orientação de Pio XII, e desta forma inauguraram, no centro do movimento das C.M., uma renovação total dos Exercícios, fonte original da autêntica C.M.

Nos EE.UU. esta renovação começou com a corajosa experiência das C.M. na John Carroll University, em Cleveland. Em 1951, apesar de grande oposição, foram convidados os estudantes e os profissionais jovens para o retiro em silêncio, de oito dias. Até esse momento, fazer um longo retiro era privilégio exclusivo de sacerdotes e religiosos. Os resultados foram tão positivos que os retiros foram repetidos cada ano. O exemplo foi seguido em todos os Estados Unidos e o número de participantes aumentou sem altos e baixos. Em 1959, este grupo de Cleveland propôs pela primeira vez os Exercícios de 30 dias. De novo resultados maravilhosos.

Na Europa, o ressurgir dos Exercícios começou sobretudo através do estudo e da reflexão. Em 1951, o Pe. Hugo Rahner, famoso especialista, deu uma série de conferências sobre os Exercícios e sobre as C.M. aos responsáveis da Áustria. Traduzidas em vários idiomas, suas profundas reflexões produziram grande influência sobre a renovação das C.M. Um de seus resultados foi a expansão na Europa da prática de longos retiros.

Em minhas viagens, nos últimos anos, constatei a existência de centros de renovação não somente nos EE.UU. mas também na Bélgica, na Alemanha, na Espanha, no México, no Japão e na Índia. A França contava ainda com um novo movimento nacional: Grupos de Vida Cristã. Na Inglaterra existia o movimento Célula; No Canadá o Centro Leunis; e na Europa, em nível continental, a Equipe Européia que fez um trabalho importante e original.

O Congresso Europeu de 1963, por ocasião do 4.º centenário da C.M. foi útil e inspirador. O Pe. Giuliani expôs sua visão sobre os "Exercícios Espirituais, fundamento da espiritualidade da C.M.", e o Pe. Karl Rahner fascinou seu auditório abordando em profundidade a consagração a Nossa Senhora.

No fim de 1959, o Secretariado de Roma enviou sua primeira carta a todas as federações, secretariados e centros. Foi o início de um diálogo epistolar com um movimento plenamente consagra-

do à causa da renovação. Esta consulta em escala mundial durou até 1964. Houve uma troca contínua de experiências, sugestões e propostas entre Roma e a base. Pouco a pouco foram se vislumbrando os aspectos principais de nossos Princípios Gerais. Em 1964, estavam praticamente prontos e poderiam ser submetidos à Assembléia Geral de Bombaim em dezembro de 1964. Mas era evidente que convinha esperar o encerramento do Vaticano II para apresentar os novos Princípios em sua forma definitiva.

Depois da Assembléia de Bombaim em 1964, se decidiu que a próxima Assembléia Geral seria na América Latina. Mas após o encerramento do Vaticano II, e como o Terceiro Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos ia se realizar em outubro de 1967, o Conselho Executivo decidiu que nossa Assembléia se concretizaria em Roma logo após esse Congresso. Considerava-se também o interesse dos delegados que participariam das duas reuniões.

O período entre 1964 e 1967 foi muito bem aproveitado. Novas consultas a vários países produziram novas sugestões e propostas. A redação dos Princípios melhorou ainda mais: breve, simples e clara. Ao longo destes anos chegamos a um consenso no que se refere à composição e à divisão em preâmbulo e três partes.

Bem mais do que uma simples introdução, o preâmbulo é o centro, o coração do conjunto, a alma de tudo. Tudo que devia ser dito de maneira concisa. A primeira parte é a primeira abordagem, em forma de círculo concêntrico em torno do preâmbulo. A segunda parte é mais concreta e detalhada: forma um novo círculo concêntrico em torno do preâmbulo e da primeira parte. Quanto à terceira parte, que contém as normas jurídicas, é a última concretização, o último círculo. Assim, as normas jurídicas devem ser vividas no espírito do preâmbulo, espírito de amor.

Se a redação, completada em 1967, resultou de uma permanente consulta, a última versão foi escrita em Roma. É esta a razão pela qual o Conselho Executivo decidiu convidar um delegado de cada nação para uma reunião prévia à Assembléia Geral. O texto foi estudado linha por linha e revisto de acordo com os desejos dos presentes. No fim de dois dias estava preparada a redação a ser apresentada à Assembléia Geral.

Na reunião da Assembléia Geral que se realizou na “Domus Pacis”, 140 delegados de 38 países votaram. Dentre eles, figuravam 62 participantes do Congresso do Apostolado dos Leigos. Foi de novo um acontecimento histórico. Pela primeira vez na história da C.M., uma comunidade de escala mundial formulava seus próprios documentos. Foram propostas e discutidas 33 emendas ao texto, mas somente 10 foram aprovadas e incorporadas na redação final. O n.º 7 que trata do serviço, foi quase totalmente mudado. Depois da votação de cada artigo dos Princípios dos Estatutos, a Assembléia, no fim do 3.º dia, aprovou toda a redação, por unanimidade. Momento inesquecível, emocionante e cheio de felicidade. Uma renovação bem preparada e esperada por muito tempo, estava completa — o renascimento de um movimento, “quase um novo início”.

De fato, Roma — 67 marcou o início de uma nova evolução: novos Princípios Gerais, novos Estatutos, um novo nome ao movimento e um novo título para a revista internacional, novas normas jurídicas, reconhecendo a autonomia da F.M., que de agora em diante é ela própria, em lugar da Prima Primária, o vínculo de unidade e a garantia de sua autenticidade.

No dia 25 de março de 1968, o Papa Paulo VI confirmou a renovação “ad experimentum” por três anos. No dia 31 de maio de 1971, a renovação foi definitivamente confirmada.⁹

Um nome novo

Um mês depois da confirmação pela Santa Sé, uma das principais revistas de espiritualidade da Alemanha publicava um artigo onde os Princípios Gerais recebiam um grande elogio, como modelo de “aggiornamento”. Inconscientemente, o autor formulara de maneira nova a razão principal da mudança do nome C.M. por CVX. Escrevia: “todos os que leram os Princípios Gerais, recentemente publicados, dificilmente acreditarão que por trás deles se encontra a C.M. Não são apenas a forma externa e a nomenclatura deste documento, mas também as idéias, as que

9. Anexo deste suplemento, p. 57.

se opõem diametralmente à conhecida imagem da C.M. Realizou-se então, uma renovação capital".¹⁰

Se a imagem da C.M. sugere uma realidade tão diferente da dos melhores grupos que se renovaram de acordo com a inspiração original, a partir de agora o nome de C.M. já não é mais adequado. Cria falsas idéias, equívocos e confusão. Em lugar de ajudar a um melhor serviço, torna-se um obstáculo. Faz-se necessário então, mudá-lo pelo menos onde cria confusão.

É por este motivo que, nos últimos 30 anos muitos grupos mudaram seu nome. Inclusive os movimentos nacionais fizeram isso. Após a fundação da F.M., a questão foi colocada em discussão em nível internacional: em Newark (1959), em Roma (Congresso Europeu, 1963), muito fortemente em Bombaim (1964) e durante a reunião europeia de profissionais (1965).

Na Assembléia Geral de Roma (1967), a mesma questão voltou a ser incluída na agenda. Desta vez, foram propostos diversos nomes novos, mas nenhum obteve a maioria. Dentre os nomes propostos três eram versões de "Vida Cristã", nome adotado na França há dez anos e empregado também em outros países. Antes de 1967, o nome de CVX nunca tinha sido utilizado. Surgiu espontaneamente da Assembléia e obteve imediatamente uma maioria decisiva. A seguir, a Assembléia aprovou explicitamente que o novo nome era o nome da F.M., mas não devia ser imposto a nenhuma federação ou grupo. Na reunião de Roma, 13 países votaram contra a mudança de nome; atualmente todos, exceto um, adotam o nome de CVX.

Com freqüência se faz a seguinte objeção: neste nome novo não há nada de específico, porque toda comunidade cristã pode se chamar CVX. É verdade que os membros da CVX não têm intenção de praticar qualquer espécie de particularidades. Vivem singelamente o Evangelho, mas de uma maneira muito especial: total e radicalmente dentro do espírito dos Exercícios inacianos. Indubitavelmente esta é uma característica específica.

Outra objeção é mais séria: alguns nos criticam por se ter diminuído o amor a Nossa Senhora. Tal afirmação sempre me

10. George Mühlenbrock, S.J., *Auf der Seche nach Welt Spiritualität, Geist und Leben*, junho de 1968.

enche de tristeza. É duro ouvir dizer: "você não ama sua mãe de todo o coração". Deixa-me dizer aqui, de novo, o que já escrevi e disse em outras ocasiões. Se fosse verdade que o novo nome pudesse diminuir nosso amor a Nossa Senhora, ou que nós não somos mais fiéis ao caráter marial de nosso movimento, todo nosso esforço de renovação seria um erro terrível. Ninguém quer que diminua o amor à Virgem Maria. O que todos os delegados em Roma quiseram foi um amor mais profundo e mais interior a Maria. Durante a preparação dos Princípios Gerais, muitos pediram uma inspiração nova, uma orientação mais sólida. Eles querem um amor pessoal mais profundo e mais fervoroso à sua Mãe, um amor que nunca decaia, mas cresça juntamente com o amor a seu Filho. Todos os nossos esforços visavam o progresso do espírito autêntico e original de nossa associação, que é essencialmente marial. Os novos Princípios expressos pelo novo nome correspondem exatamente ao desejo da maior parte de nossos membros. Nos Princípios, Nossa Senhora está muito mais presente que em todas as regras comuns precedentes. Ela está presente em tudo, inseparavelmente unida a Cristo, que é o centro das C.V.X. Ela está presente como o está nos Exercícios Inacianos, que são a fonte específica do estilo de vida C.V.X. Ela está presente como está nos documentos do Vaticano II, não isolada ou separada do contexto, mas integrada na totalidade da História da Salvação. Ela está presente como o está no Evangelho, dando prioridade a seu Filho.

Novas evoluções depois de 1967

As orientações dadas por Pio XII em 1948 se revelaram extremamente práticas e eficazes. Em sua constituição, ele insistirá fortemente sobre o carisma mariano e sobre a prioridade absoluta dos Exercícios Espirituais.

Vinte anos antes, por ocasião da Assembléia de Newark, eu havia escrito: "O acontecimento mais importante que nós percebemos atualmente (...) é que a C.M. é considerada como a que tomou a iniciativa de voltar a ser o que ela foi no início: a continuação e aplicação prática dos Exercícios Inacianos na vida cotidiana.

Esta evolução tem feito continuamente novos progressos. Com a elaboração dos Princípios Gerais após 1967, ela alcançou novas dimensões. Graças aos Exercícios dirigidos pessoalmente, e aos cursos de formação, foi redescoberta a pedagogia específica dos Exercícios. Chegou a ser evidente que os membros e as Comunidades C.V.X. têm uma vocação muito especial: são chamados a um estilo de vida peculiar, que os abre e os dispõe a tudo aquilo que Deus quer em cada situação de sua existência cotidiana. No plano pessoal e comunitário, este estilo de vida implica um permanente discernimento, disponibilidade contínua, total integração. Todo aquele que tem alguma experiência sabe que as conseqüências desta vocação são extremamente exigentes. Aqui é impossível entrar em detalhes. No número de "Progressio" de março de 1979, José Gsell aprofunda este ponto: Ninguém mais competente para escrever este artigo.

Outros fatos importantes poderiam ser mencionados. O primeiro é a maior presença e atividade no plano internacional. Isso começou em 1957 quando a F.M. se tornou membro da Conferência das Organizações Católicas Internacionais. Todas elas pertencem às organizações não governamentais (NGO), que podem ter voz consultiva numa ou em diversas instituições das Nações Unidas em Nova York, Genebra, Paris e Roma. No dia 24 de abril de 1975, a F.M. obteve voz consultiva na ECOSOC (Conselho Econômico e Social).

Outra realidade muito estimulante é a presença crescente da juventude. Na Assembléia de Roma em 1967, praticamente todos os delegados eram adultos. Foi surpreendente em Augsburg 1973 o número de jovens em pleno dinamismo. Em Manila 1976, eles caracterizaram toda a Assembléia: quase todas as delegações nacionais contavam com delegados jovens, entre 18 e 25 anos. Estes jovens pediram um assistente especial da juventude na F.M. Este assistente foi nomeado no ano passado.

Como observação final, notamos o interesse e a presença ativa de muitos jesuítas em todos os níveis: local, nacional e internacional. Eles apreciam a C.V.X. bem mais do que haviam estimado a C.M. Isso não é surpreendente, pois eles reconhecem claramente nas C.V.X. seu próprio estilo de vida, que quase não era possível nas C.M. Essa presença crescente dos jesuítas não significa que eles dirigem o movimento C.V.X. A F.M. é independente

da Companhia de Jesus. Os jesuítas assistem, ajudam e esforçam por dar alguma inspiração.

Mas é verdade também que atualmente, e mais que outrora, os leigos inspiram os jesuítas. Eles compreenderam (algumas vezes melhor que nós, jesuítas) a experiência de Santo Inácio, como tão bem compreenderam a atitude de entrega total de Nossa Senhora. Eles só têm uma aspiração: crescer na fé e no amor. Eles querem crescer na visão da realidade: a Presença divina que atua, ama e se revela em todas as coisas, que nos convida continuamente a viver e a viver em abundância. Eles aceitaram seu convite para receber no momento presente o fogo de Jesus e a comunicar incessantemente esse fogo, aos outros.

O CARISMA DA CVX

(ESPIRITUALIDADE, COMUNIDADE, MISSÃO)

(Anais da Assembléia de Roma 1979, pp 31-41)

A última Assembléia Geral da Federação Mundial de Comunidades de Vida Cristã, celebrada em Manila em 1976, afirmou expressamente uma vez mais que o redescobrimto de sua natureza específica seguia a rota dos Exercícios Espirituais. Seu compromisso pela libertação do homem integral e de todos os homens foi reafirmada, tomando-se uma clara opção em Manila, a favor do serviço com e pelos pobres. Estas duas últimas orientações foram expressões concretas da declaração precedente, posto que a liberdade autêntica do homem e a preferência da pobreza são valores evangélicos de importância central nos Exercícios Espirituais.

Gradualmente se vai conhecendo mais na Igreja em geral que a Comunidade de Vida Cristã é o nome novo dado à Congregação Mariana. A mudança foi realizada pelos novos Princípios Gerais adotados pelo Conselho Mundial da Federação em Roma em 1967, e aprovados pelo Papa Paulo VI no ano seguinte. A Prima Primária de Roma e o Geral Jesuíta já não têm autoridade na Federação Mundial, que é agora o vínculo de unidade e a garantia de autenticidade entre as Comunidades de Vida Cristã em todo o mundo.

Não obstante, o que parecia ser uma drástica mudança de nome, os novos Princípios Gerais não oferecem nenhuma dúvida de que a Virgem Maria permanece sendo o verdadeiro modelo de colaboração das Comunidades de Vida Cristã na Missão da Igreja (PG 8). Os Princípios Gerais declaram também explicitamente que "a fonte específica e o instrumento característico" da espiritua-

lidade das CVX devia ser a experiência dos autênticos Exercícios Espirituais de S. Inácio de Loyola, Fundador da Companhia de Jesus (PG 4).

UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Originalmente, recordemos, a Congregação Mariana era o modo em que alguns dos primeiros jesuítas compartilhavam seu próprio e distintivo estilo de vida com o laicato, e o nome o pressupõe. Gradualmente, contudo, este nome chegou a ser usado em geral por aqueles grupos de pessoas que se reuniam para praticar várias formas de devoção à Virgem, mais do que por aqueles grupos que desejavam participar da espiritualidade dos jesuítas e fundamentar toda sua vida nessa espiritualidade.

As causas desta mudança ainda não são claras, mas o Pe. Luís Paulussen, S.J., a coloca em relação com a supressão dos jesuítas por parte do Papa Clemente XIV em 1773. Acha que quando se esfacelaram todas as obras dos jesuítas nessa época da supressão, muitos Bispos de diferentes lugares continuaram favorecendo as CC.MM. assegurando que sobrevivessem em suas dioceses. Sem a Companhia de Jesus, porém, as CC.MM. foram cortadas de suas raízes, a espiritualidade dos jesuítas, e especialmente os Exercícios Espirituais. Sem ninguém que se ocupasse da formação dos congregados como anteriormente, as CC.MM. se converteram em simples associações piás de pessoas devotas que rezavam juntas e faziam muitas coisas boas em comum, sob o patrocínio da Santíssima Virgem.

Muitos fatores contribuíram a que as CC.MM. agora conhecidas como Comunidades de Vida Cristã, voltassem a suas origens. A Constituição Apostólica "Bis Saeculari" do Papa Pio XII de 1948, preparou o caminho. O Concílio Vaticano II, 1962-1965, fixou o contexto dentro da Igreja universal para uma renovada fidelidade às origens, combinada com a adaptação criativa aos tempos modernos. As iniciativas dos próprios membros, o encorajamento do atual Geral Jesuíta, Pe. Pedro Arrupe, e do seu predecessor, Pe. João Batista Janssens, e especialmente os esforços do Pe. Luís Paulussen, contribuíram a que o movimento das CVX voltasse a suas origens.

Os principais resultados práticos deste retorno às origens parecem ser três:

1. o surgir de um movimento e de uma espiritualidade laical cada vez mais vital dentro da Igreja, que trata de ser expressão genuína da autêntica espiritualidade inaciana;

2. a importância central que se atribui aos Exercícios Espirituais na vida das CVX;

3. a renovada possibilidade que têm os jesuítas, religiosos e sacerdotes que vivem a espiritualidade inaciana, de identificar-se nas CVX de uma maneira que nunca puderam fazer com a maioria das CC.MM. em tempos recentes.

Estas breves observações preliminares de natureza histórica nos preparam a focar nosso tema, o Carisma das CVX a partir de uma direção justa e na perspectiva correta. Dois elementos básicos deste carisma parecem estar fora de toda dúvida. Trata-se, em primeiro lugar, do vínculo íntimo e pessoal entre a CVX e a Companhia de Jesus; e, em segundo lugar, a importância primordial dos Exercícios Espirituais de S. Inácio de Loyola. O segundo é uma conseqüência natural do primeiro, já que o espírito característico de um jesuíta se deriva da experiência realizada nos Exercícios Espirituais.

RETORNO AS ORIGENS

As Constituições da Companhia de Jesus, escritas pelo próprio S. Inácio antes de morrer em 1556, representam um desenvolvimento mais detalhado da Regra fundamental jesuítica, ou Fórmula do Instituto, como é chamada, aprovada pelo Papa Júlio III em 1550. Este breve esboço do estilo da vida do jesuíta foi apresentado primeiro ao Papa Paulo III, que o aprovou em 1540. Esta apresentação se tinha feito em 1539, depois de uma longa deliberação, durante a qual Inácio e seu pequeno grupo de companheiros (nessa época todos sacerdotes ordenados, — “meus nove amigos no Senhor” — como ele os chama) decidiram constituir uma nova e apostólica Ordem religiosa de sacerdotes, que estariam a serviço do Papa como Cabeça da Igreja para as missões em qualquer parte do mundo. Os Exercícios Espirituais, entretanto, precederam à Regra dos jesuítas ou Fórmula.

Antes de mudar-se para Roma, — em Veneza durante 1536, e também mais tarde durante 1538, — Inácio e seus companheiros ocuparam seu tempo dando Exercícios Espirituais a muitos, como uma das principais tarefas apostólicas que realizavam. Muito antes disto, desde a época em que Inácio se trasladara de sua nativa Espanha para Paris, em 1528, a fim de começar seus estudos na Universidade de Paris, ele mesmo, sendo ainda leigo, tinha pregado os Exercícios Espirituais a cada um destes companheiros, os quais eram então todos leigos e não sacerdotes ou religiosos. Foi através do vínculo criado por esta experiência comum dos Exercícios Espirituais, que cada um tinha vivido em diferentes épocas, que se consagraram em 1534 em Montmartre, Paris, a viver uma vida de pobreza e celibato por toda vida, para a glória de Deus e o Seu serviço.

INÁCIO DE LOYOLA

Os Exercícios Espirituais que formam a base de sua irmandade têm sua origem nas experiências privilegiadas que teve anteriormente Inácio durante o ano que passou como eremita numa gruta fora da cidade de Manresa, no Norte da Espanha, em 1522-23. Trata-se do ano posterior à profunda mudança interna em suas atitudes que tinha sofrido em Loyola, sua pequena pátria de Espanha, e que ele viu como sua conversão.

O espírito jesuíta, portanto, descrito nas Constituições da Companhia, e mais brevemente esboçado na Fórmula ou Regra jesuítica, tem sua origem nas notáveis experiências espirituais de Inácio, que mais tarde compartilhou com outros e que eventualmente escreveu para o uso de outros. O que escreveu foi na realidade uma série de notas para o uso dos jesuítas que dirigiam a outros através dos Exercícios Espirituais.

O estilo de vida jesuítica, tal como se desenvolveu do carisma particular de Inácio, nós o possuímos hoje à nossa disposição na experiência dos Exercícios Espirituais. Este carisma é primariamente uma espiritualidade distintiva, mas também um estilo de vida comunitária dentro da Igreja, baseada em estreitos vínculos pessoais e um serviço totalmente disponível e completamente entregue a missões apostólicas concretas, dentro da missão global da Igreja dada pelo mesmo Cristo.

CARISMA E ESPIRITUALIDADE

Antes de passar adiante, permitam-me explicar que pela palavra carisma — quer seja aplicada a Inácio, aos jesuítas ou às CVX — entende-se um caminho de graça e não meramente um modo natural de alguém ser ele mesmo, de estar com outros e para outros. Também se pressupõe aqui que carisma em seu nível mais profundo é uma espiritualidade antes de ser um modo de viver com outros e realizar serviços em favor de outros, ainda quando isto não possa ser a ordem cronológica na qual um carisma se revela a outros.

Devemos também ter idéias claras sobre o significado de espiritualidade. No sentido em que Inácio usava o termo, espiritualidade não se refere diretamente ao imaterial. Antes, emprega ele a noção de espiritualidade como a usa a Sagrada Escritura. Espiritualidade em sentido bíblico é o modo de graça de alguém ser ele mesmo. Para um cristão, deve-se entender isto em termos de uma resposta de toda a pessoa ao Espírito ou à ação vivificadora de Deus em Cristo. Assim pois, a Espiritualidade é entendida por Inácio não no sentido estreito e abstrato da metafísica clássica como a imaterialidade do homem, enquanto se vê libertado das limitações, ou a particularidade, no sentido mais amplo e concreto de cristandade bíblica, mas como a receptibilidade do homem na medida em que é enchido e penetrado em todo seu ser, tanto em seus aspectos materiais como imateriais, pelo Espírito Santo de Deus. Tomada neste sentido, espiritualidade significa não os esforços do homem para libertar-se de seus próprios limites, senão o modo de o homem responder com todo seu ser à iniciativa precedente de Deus. É importante precaver-se firmemente desta distinção entre o que é basicamente o modo grego e o modo hebreu de compreender a espiritualidade.

A ESPIRITUALIDADE DAS CVX

De tudo que foi dito antes, é claro que a espiritualidade da CVX deve-se buscar primariamente dentro da experiência dos Exercícios Espirituais. Tratemos pois de derivar dos Exercícios Espirituais as linhas principais da espiritualidade inaciana e jesuítica e por conseguinte da CVX.

Nos Exercícios Espirituais de S. Inácio de Loyola temos um método ou processo de resposta à iniciativa de Deus na própria vida. Neste sentido os Exercícios Espirituais oferecem uma experiência na qual a fé do exercitante é desafiada pelo Evangelho. Trata-se de uma experiência que se verifica ao nível mais profundo da própria pessoa, já que o Evangelho não é meramente uma mensagem cristã, senão a mesma realidade cristã na pessoa de Cristo resuscitado e vivo. É também uma experiência ao nível mais profundo da própria pessoa, porque a fé se entende aqui não num sentido limitado e abstrato da teologia clássica como conhecimento de verdades pela autoridade reveladora de Deus, mas sim no sentido amplo e concreto do Novo Testamento como uma resposta de toda pessoa a Deus presente como nosso Salvador em Cristo.

Nos Exercícios Espirituais temos um processo no qual a fé pessoal do exercitante encontra o desafio do amor salvífico de Deus e lhe dá uma resposta. A finalidade dos Exercícios inacianos é a decisão sobre a orientação da própria vida, porém o processo ou meios dos Exercícios é a experiência de fé que responde ao amor.

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

Dentro desta ampla descrição dos Exercícios, como a fé do homem que responde ao amor de Deus em Cristo, podemos especificar sete atitudes básicas de fé que se espera experimentem os exercitantes, como principais aspectos da fé durante os autênticos Exercícios Espirituais. Uma breve análise destas sete atitudes sugere um modo de chegar muito modestamente aos elementos chaves da espiritualidade das CVX. Cada uma destas atitudes de fé relacionada com uma experiência diferente de Deus em etapas claramente definidas dos Exercícios Espirituais.

1) Genuína Admiração

No Princípio e Fundamento, primeira etapa dos Exercícios, a fé é experimentada pelo exercitante numa forma que poderíamos chamar muito bem: admiração. A admiração é o ato inicial de individuar o que é essencial na fé em Deus. É já um ato de adoração e uma abertura às maravilhas do modo de Deus tratar os

homens. Geralmente se chama "indiferença", no sentido de abertura e disponibilidade a Deus. É talvez esta qualidade que tão fácil e naturalmente vem às crianças em que Cristo pensava, quando ensinava que todos devem tornar-se como crianças para entrar no Reino dos Céus (Mt 18,3). É uma maravilha que aumenta pela sabedoria amorosa de Deus em seu plano para o homem (Sab 8, 1-18). Esta sabedoria de Deus se revela já no mundo e definitivamente em Cristo como a glória de Deus que é Presença (Ex 24,16; Jo 1,14) e Poder (Sab 9,11; Rom 6,4) entre nós. Todavia permanece sempre, ainda em Cristo, um mistério para nós (Cor 2, 6-16; Ef 1,9; 3, 7-12). Este mistério, em última análise, é amor de Deus para conosco (1 Jo 4, 7-12).

2) Pobreza Pessoal

No tríplice colóquio, que constitui a quinta essência da experiência do pecado, na primeira semana dos Exercícios Espirituais, a fé é sentida como necessidade de salvação, cura divina. Ao exercitante se pede por sua vez que reze à Santíssima Virgem, a Cristo Nosso Senhor e ao Pai pela salvação. Esta salvação ou cura não é tanto o perdão do pecado, senão antes o consertar a desordem causada pelo pecado, que acompanha e segue o pecado na própria vida e no íntimo da pessoa. É uma cura que os homens estão muito longe de poder conseguir, porque a ferida no homem não é só o resultado de sua participação nos valores e caminhos do mundo pagão, não é só a desordem de seus caminhos, senão também uma profunda desorientação no mais íntimo de sua própria pessoa (Rom 1, 18-22; 7, 14-25). O homem de fé que começou a gostar no profundo de seu ser de sua necessidade de Deus, não só sente sua debilidade senão também sua cegueira e sua falta de visão. Nesta etapa o Diretor do exercitante é instruído para que faça uso da primeira série de Regras para o Discernimento enquanto guia o exercitante através desta experiência de necessidade e pobreza pessoal.

3) Conversão Radical

Durante a primeira parte dos Exercícios Espirituais, o exercitante se confronta constantemente com Cristo na cruz. Diante da pessoa de Cristo crucificado se lhe pede que mantenha uma conversação prolongada e pessoal. Cristo crucificado é a última

imagem que o exercitante experimenta, quando termina esta primeira parte dos Exercícios. Nesta viva imagem de Cristo diante dele na cruz, o exercitante pode encontrar a expressão concreta do amor misericordioso de Deus (Lc 23,24). Livre e agradecidamente ele luta para converter-se com todo seu ser ao amor que Deus mostra ao homem quando o perdoa, quando unilateralmente o reconcilia em Cristo e restaura as relações do homem com Deus (2 Cor 5, 18-21). Voltar a Deus em Cristo com toda a força da própria consciência e livre adesão é essa *metanóia* ou mudança radical do coração à qual o Evangelho chama todos os homens (Mc 1, 14-15; At 2, 36-38).

4) Oferecimento Total

Na meditação sobre o Reino, ao começar a segunda parte dos Exercícios Espirituais, o exercitante se confronta com a finalidade e o plano de Deus, agora expresso concretamente na pessoa e vida de Cristo Nosso Senhor que chama o exercitante a segui-lo e a compartilhar sua missão com todos os homens (Mc 1, 14-20). A fé se expressa agora como oferecimento generoso e total a Cristo em pobreza e humildade. A fé se converte em disponibilidade para a missão, não uma missão qualquer senão a de Cristo. Segue-se daí o colocar-se inteiramente à disposição da vontade divina e o estar disposto a ser enviado de um modo concreto a certa missão concreta querida por Cristo. Tal oferecimento incluirá um compromisso com a paradoxal maior glória de Deus expressa na pobreza e humildade de Cristo Nosso Senhor, se nosso maior serviço aos homens deseja ser efetivo aos olhos de Deus (Cor 4, 1-6). Como aparecerá claro na meditação sobre a Encarnação, a glória de Deus e seu serviço revelados em Cristo exigem uma dupla fidelidade: à finalidade de Deus expressa no Evangelho e à situação do homem no mundo de hoje (cfr. "Evangelii Nuntiandi" n.º 4).

5) Compromisso Concreto

Na meditação das Duas Bandeiras, o exercitante encontra claramente enfocado o caminho de Cristo e seus valores. O sistema de valores que encerra o total oferecimento de si mesmo a Cristo e ao seu maior serviço se compara com o sistema de valores e a fórmula para uma vida de bons êxitos no mundo em geral (Jo 12, 23-28). Recusando a tríplice fórmula para o êxito segundo os

“padrões” do mundo: da riqueza com o conseqüente poder sobre os outros, passando pelo prestígio de um nome famoso, até a independência e auto-suficiência do homem “self-made”, o discípulo que se oferece para seguir a Cristo, para um maior serviço, elege deliberadamente outra fórmula (1 Cor 1, 17-31). É a da simplicidade de vida e fraqueza conseqüente com incapacidade para dominar outros homens, passando pela obscuridade de ser desconhecido e ainda pela vergonha de ser ridicularizado. Aí convida-se o exercitante a desejar a dependência e a suficiência de outro, do homem submetido. Tal pessoa depende de Deus pela fé e do homem por amor (Col 1,4).

Esta é a mística do serviço à que se compromete o verdadeiro discípulo de Cristo quando se oferece totalmente a Cristo total, como sublinha a meditação sobre os Três Binários. Deve ser também um compromisso efetivo motivado pela fé, que é um amor sentido no coração pela pessoa de Cristo pobre e abandonado, como nos mostra a reflexão sobre os Três Graus de Humildade.

Quando se alcança este clima nos Exercícios, espera-se do Diretor do retiro que use a segunda parte das Regras para o Discernimento. Este tipo de discernimento ajudará o exercitante a evitar a desilusão, quando trata de achar qual será o maior serviço de Deus nas circunstâncias concretas de sua vida.

6) **Compaixão Sacrificial**

Na terceira parte dos Exercícios se convida o exercitante a meditar sobre os sofrimentos de Cristo em sua paixão e morte. Durante este tempo começa a experimentar dentro de si um aspecto ulterior de sua resposta de fé ao amor de Deus em Cristo (Gál 2, 19-20). Seu compromisso ao caminho de Cristo se converte numa busca de modos, cada vez mais profundos, de penetrar o mistério dos sofrimentos de Cristo durante as últimas horas de sua vida na terra (Hbr 12, 2-3). Isto leva consigo o esforço de fazer própria a mentalidade de Cristo. Começa-se a sentir mais pessoalmente não só algo das dores físicas de Cristo durante sua paixão, mas também algo de seus sofrimentos interiores de medo, de abandono e até de fracasso (Flp 2, 5-11).

Este sofrimento com Cristo, ou compaixão, incluirá algo de sua própria experiência pessoal do pecado no profundo de seu

coração (Hbr 5, 7-8). Significará sentir em nós mesmos algo da dor de seu Sim sacrificial (Mc 14,36; 2 Cor 1,20). Ademais, não deveríamos limitar-nos aos sofrimentos que Cristo suportou há dois mil anos. Cristo continua sofrendo hoje de um modo misterioso. Sofre nas batalhas, dores e privações de todos os homens, especialmente dos pobres privados de voz (Mt 24, 35-40).

7) **Consolação Espiritual**

Na parte quarta e final dos Exercícios Espirituais, o exercitante reflete diretamente sobre o mistério de Cristo ressuscitado. Num sentido verdadeiro, este é o Cristo que vinha sendo encontrado pela fé em todas as etapas precedentes dos Exercícios. Agora contudo, a fé em Cristo deve-se experimentar expressamente num profundo fortalecimento interior. Isto provém não só da consciência de estar perto de Cristo na sua vida de ressuscitado, senão especialmente da experiência de estar em Cristo pela participação de seu Espírito Santo (2 Cor 1, 3-7). É um fortalecimento que tem a finalidade de encher a gente com o supremo amor, **alegria e paz de Cristo, agora radiante e vibrante com o amor**, alegria e paz que sente ele mesmo na sua nova, ainda que humana, vida de ressuscitado (Gál 5, 22-23). Totalmente libertado, pode libertar a outros com a mesma liberdade (2 Cor, 3,17). Ele pode estar presente em sua Igreja, mais realmente, mais intimamente e mais efetivamente do que quando estava presente com seus discípulos durante sua vida na terra (Mt 26,20; Jo 20, 22-23).

Todo este desenvolvimento na vida de Cristo, e sua presença e atividade, estendida infinitamente nas vidas de outros homens, se consegue através da plenitude do Espírito Santo dada a Cristo pelo Pai em sua ressurreição e que agora pode-se repartir com todos os homens (At 2,33; Jo 7,39). Por este mesmo Espírito, Cristo ressuscitado pode estar misteriosamente presente no coração da Igreja que Ele fundou quando estava na terra (Rom 8, 10-11). Esta é a razão de que o clima dos Exercícios Espirituais — pelos quais nos submetemos ao amor de Deus, que nos confirma e robustece na própria vida (Gál 5,6) — possa continuar num sentido real, uma vez terminados os Exercícios. Isto se verifica quando o exercitante continua vivendo sua submissão total a Cristo pela fé, mediante uma adesão leal e fiel à Igreja católica, concreta, visivelmente unida sob o Papa e os Bispos em união com

ra série de Instruções, as “Regras para sentir com a Igreja”, se expliquem ao exercitante pelo seu diretor, ao final dos Exercícios Espirituais.

CONCLUSÃO

Em todas estas sete etapas dos Exercícios, deveria se notar que a Virgem Maria desempenha um papel chave. Em cinco das sete etapas dos Exercícios, se menciona explicitamente seu papel. Vista à luz do Concílio Vaticano II como primeiro membro da Igreja, tipo e modelo de toda a Igreja por sua fé e seu amor, ela se converte também no modelo para todo aquele que aspire a viver uma espiritualidade genuinamente inaciana na Igreja.

Eis aqui o carisma das Comunidades de Vida Cristã ao nível de sua espiritualidade, o que constitui sua identidade mais profunda. Não obstante, seu explorar ulteriormente a CVX, como uma comunidade dentro da Igreja e participante da missão da Igreja, nosso estudo deste carisma resultaria incompleto. Este segundo e terceiro aspecto do carisma das CVX são tarefas para amanhã e o dia seguinte, respectivamente. Assim pois, prestamos hoje plena atenção à reflexão sobre a espiritualidade das CVX, porque temos que partir das origens, descobrindo sua realidade atual, no mundo de hoje.

John Reilly, S.J.

VISÃO GERAL DO CARISMA CVX E DE SUAS BASES

Carisma CVX: Uma particularidade gratuita.
Bases: Vocações humana e cristã.

I — Vocação humana
AUTO — descobrimento

II — Vocação cristã
FÉ (submissão ao Evangelho)

NASCIMENTO

Relação
com outros

BATISMO

Amor
como Cristo amou

Missão
para servir
a outros

III — CARISMA CVX
“Exercícios Espirituais”

Hoje: Disposições chaves

CVX

“Amigos no Senhor”
Hoje: Comunidade Mundial
para servir a um mundo

“Maior SERVIÇO”
Hoje: com e pelo pobre

CARISMA CVX: COMUNIDADE E MISSÃO

I — INTRODUÇÃO

Permitam-me continuar compartilhando com vocês minha reflexão, como jesuíta, sobre nossa comum tradição inaciana, especialmente como se encontra na experiência dos Exercícios Espirituais.

Nesta manhã refletimos com certo detalhe sobre o primeiro aspecto do carisma CVX, a espiritualidade inaciana. Nesta tarde refletiremos mais brevemente sobre os aspectos restantes, principalmente o da comunidade dentro da Igreja e o da Missão para servir a outros.

Não me pediram que tratasse estes dois aspectos de Comunidade e Missão em detalhes e, portanto, procurei somente relacioná-los de uma maneira geral com a experiência dos Exercícios Espirituais. Esta tarefa deixa-a a vocês. De minha parte, apenas fiz umas poucas observações de caráter geral, primeiramente sobre a Comunidade e depois sobre a Missão, que considero de fundamental importância. Originalmente, estas observações foram feitas para que vocês as recebessem diretamente, por escrito.

II — COMUNIDADE (Texto)

CVX — uma comunidade de fé e amor apostólico

A comunidade da CVX deveria, antes de tudo, ser considerada no contexto das duas vocações fundamentais recebidas de Deus: a de ser humano e a de ser cristão. Para todos os homens, a primeira vocação que se dá no tempo é a que recebemos no momento de nosso nascimento, quando Deus nos chama inscrevendo no mais profundo de nosso ser a vocação a converter-nos em seres humanos, seja como homem ou como mulher. Esta primeira vocação nunca é revogada, porém mais tar-

de se vê especificada por uma segunda vocação, que nos é dada por Deus no sacramento do Batismo. No Batismo, através do dom da Fé, Deus chama os homens e mulheres a amar como Cristo amou. Para os cristãos, viver plenamente significa amar como Cristo amou (cfr. Jo 13,34; 15,12 e 10,10b).

A comunidade da CVX, portanto, vem a ser um caminho dentro da Igreja, tanto para o desenvolvimento das aspirações humanas como para mover cada um ao amor, amor sacrificial para com o outro, anunciado e oferecido ao homem no Evangelho.

Desde uma perspectiva, de algum modo diferente, uma comunidade cristã pode caracterizar-se por três aspectos que se implicam mutuamente: como **KOINONIA**, ou seja, o repartir o que um tem com o outro: como **KERIGMA**, quer dizer: o anúncio ao outro do desafio que nos faz o Evangelho, chamando-nos a uma ruptura com outros sistemas de valores; como **DIAKONIA**, isto é, o atender às necessidades do outro. Em que medida pode a CVX ser esse tipo de comunidade?

Centrando-nos pois na natureza específica da comunidade para a CVX, parece que é uma conseqüência direta de uma profunda entrega ou abandono ao amor de Cristo, que alguém experimentou em seu coração e o compromisso generoso para um maior serviço a Cristo, entre nossos irmãos.

Este enfoque de que a comunidade na CVX deriva ao mesmo tempo da entrega confiada a Cristo e do compromisso de servir a outros com amor, encontra seu apoio nos primeiros tempos da história de Inácio e seus “nove amigos no Senhor”. Todos eles tinham experimentado uma profunda entrega ao amor de Cristo nos Exercícios Espirituais, e ao mesmo tempo acharam seus corações inflamados por um ardente desejo de participar por Cristo nalgum trabalho apostólico exigente, entre os homens.

Para que a amizade seja verdadeiramente “no Senhor”, parece ser necessário um amor que encerre três dimensões. Deverá ser amor compartilhado, isto é, a comunidade; deverá ser amor benvindo, isto é, fé no mais pleno sentido bíblico; necessita ser amor entregue, isto é, missão.

1) **Amor compartilhado:** em seu sentido pleno, será completado por Cristo, em nós, na salvação final. Entretanto, sabemos

que esta comunhão se está realizando parcialmente na Igreja, através dos tempos, pelo Espírito de Cristo ressuscitado.

2) **Amor benvindo:** é o amor recebido na experiência gozosa de uma fé que se entrega ao amor de Deus, revelado e feito presente na humanidade, em Cristo.

3) **Amor entregue:** é o amor oferecido àquele que se volta a nós em sua necessidade. Este amor será missionário ou apostólico, na medida em que se esforce em permanecer fiel à missão de Cristo, enquanto trata de ajudar ao outro em suas necessidades.

Indo mais longe, este entender a comunidade na CVX como uma comunhão de fé que se deriva diretamente da experiência de fé e de amor missionário, pareceria provir diretamente dos Exercícios Espirituais. Todas as atitudes que possam desabrochar na alma do exercitante podem ser entendidas desde este ponto de vista. Elas o abrem, por uma parte, a entregar-se total e generosamente a Cristo na fé; e por outra a um amor entusiasta e a um compromisso total num maior serviço de Cristo, nos outros, fazendo-o no caminho da simplicidade e humildade, deliberadamente escolhido por Cristo.

Portanto, a comunidade para a CVX parece ser, tanto pela história dos primeiros jesuítas como pelo sentido dos Exercícios Espirituais, um partilhar juntos o que é produto de uma profunda fé em Cristo e de um generoso amor apostólico para com o outro. Ao mesmo tempo a experiência dessa comunhão na CVX careceria de sentido sem um desejo de desenvolver esta fé profunda e este amor apostólico aos outros.

John Reilly, S.J.

III — MISSÃO (texto)

As CVX — conduzidas por amor a servir com simplicidade e humildade

O serviço missionário das CVX deriva, tanto em seu propósito como em seu estilo, do ideal missionário de Inácio e dos primeiros jesuítas. Ideal que emanou das iniciativas creativas e generosas despertadas neles pelos Exercícios Espirituais. Devere-

mos recordar também que isto sucedeu enquanto todos eles, menos um, ainda eram leigos. Ao princípio, pretenderam embarcar rumo à Terra Santa e trabalhar ali por Cristo entre os muçulmanos; quando as circunstâncias os impediram de cumprir este desejo, se ofereceram ao Papa Paulo III, para qualquer trabalho que pudesse encomendar-lhes. Sua intenção principal era o maior serviço de Cristo entre os homens, e pensaram que este poderia realizar-se melhor ligando-se, tão fortemente quanto fosse possível, ao Papa, como quem guia a Igreja de Cristo desde o centro.

O serviço missionário dos primeiros jesuítas foi marcado por:

1. sua origem, a partir duma profunda experiência de amor à pessoa de Cristo, e de um compromisso generoso para compartilhar sua missão com todos os homens e seu próprio estilo simples e humilde;
2. sua flexibilidade para responder às necessidades espirituais mais urgentes das pessoas em qualquer lugar;
3. seu estreito laço, através da obediência, com a autoridade central da Igreja, como o meio mais eficaz para cumprir com o maior serviço a Cristo no mundo.

A regra ou fórmula dos jesuítas, aprovada pelo Papa Paulo IV em 1540, e novamente, numa forma ligeiramente revisada pelo Papa Júlio III em 1550, estabelece claramente que o fim dos primeiros jesuítas era o serviço missionário dentro da Igreja, para a defesa e a difusão da fé cristã e para o progresso das pessoas na vida e na doutrina cristã. Vale a pena recordar as sete características do trabalho que foram especificamente mencionadas:

1. o ministério da palavra, pela pregação, leituras e outros meios;
2. os Exercícios Espirituais;
3. a educação cristã dos meninos e dos ignorantes;
4. o fortalecimento espiritual dos católicos, mediante os sacramentos;
5. a reconciliação dos separados da Igreja católica;
6. o serviço aos reclusos nos cárceres e nos hospitais;
7. outros trabalhos de caridade que ajudem à glória de Deus e ao bem comum.

A mais recente Congregação Geral dos jesuítas, seu órgão máximo de governo, celebrada em Roma durante 1974-1975, rea-

firma o espírito missionário dos jesuítas atuais, com estas palavras: "A missão da Companhia de Jesus hoje é o serviço da fé, na qual a promoção da justiça é um requisito absoluto (cfr. Congr. Gen. 32, Decreto 4, n.º 2).

A origem do impulso missionário das CVX, como parte integrante de sua herança jesuítica, está enraizada portanto no compromisso pessoal com Cristo missionário. No coração da pessoa de Cristo e em seu Evangelho se encontra o elo essencial entre o amor de Deus que se faz amor humano pelos homens seus irmãos e a entrega pessoal de cada homem a Deus pela fé. Esta entrega pessoal do homem pela fé ao amor de Deus, que pode ser reconhecida como a atitude espiritual básica do exercitante, é também o centro do Evangelho. Amor a Deus, que é o mesmo que fé em Deus no mais amplo sentido bíblico da fé, amor pelo próximo sumariando os ensinamentos de Jesus (Mc 12, 29-30; cfr. Jo 13, 34-35; 15,12).

O propósito da missão de Cristo entre os homens foi o de dar vida aos homens, a plenitude da vida (Jo 10,10 e 28), a vida do próprio Deus (Jo 5,26; 6,57) descrita justamente como a vida eterna concedida já desde agora ao homem no tempo (Jo 3,16). Esta é a razão pela qual Cristo foi consagrado e enviado ao mundo (Jo 10,36; 17, 17-19). Esta vida que Cristo trouxe ao mundo era o amor de Deus que se convertia em nosso e que se faz nosso somente pela entrega total da pessoa a Cristo, através da fé (Jo 11, 25-26; 12, 44-45; 20,31). É uma entrega que significa perder a vida que já temos para encontrar a verdadeira e única vida que Deus quer para cada homem (Mc 8,35; Jo 10,17; 12, 24-25). Esta entrega é o verdadeiro conhecimento de Deus, uma relação vivida e experimentada com Deus (Jo 17,13).

É portanto através da fé em Cristo que o amor de Deus, feito visível em Cristo, começa a fluir nos corações humanos e se converte em nosso amor de uns pelos outros (cfr. 1 Jo 4, 7-12, especialmente 7d, onde a palavra "amor" se menciona 15 vezes) é através desta atitude de entrega pela fé que o mesmo amor de Deus, que animará a pessoa de Jesus e a sua missão durante sua vida terrena, que os homens e as mulheres de nosso tempo podem começar a experimentar em seus próprios corações a chama que ardera no coração missionário de Jesus, o fogo que sentira e o

batismo de dor que o abrumará (Lc 12, 49-50; cfr. Jo 12,32). O sofrimento que Jesus padecera em sua missão não foi somente compaixão humana, senão o mesmo amor divino pelo qual vivia (Lc 13, 34-35).

O serviço missionário das CVX, portanto, — se há de ser "verdadeira contemplação na ação", "encontro de Deus em todas as coisas", "integração da oração e do apostolado", e "disponibilidade apostólica", segundo a tradição inaciana, — deve ser em primeiro lugar uma expressão da fé cristã em Deus e do amor cristão de uns pelos outros (cfr. 1 Tes 1,3; 2 Tes 1,3; Flm 1,5; Col 1,4).

John Reilly, S.J.

(Tradução do Pe. Luiz Gonzaga da Silveira D'Elboux, S.J.)

A CONCRETIZAÇÃO DOS PRINCÍPIOS GERAIS DURANTE OS ÚLTIMOS DOZE ANOS

("Progressio" n.º 2 — março 1979)

JOSÉ GSELL

Pareceu-nos de grande importância recordar os principais passos efetivados durante os últimos doze anos. Passos que conduziram as CVX ao ponto em que se encontram hoje. Ver as CVX **hoje**, como se manifestam através dos numerosos contatos que podemos manter com elas.

Escolhemos para esta releitura quatro momentos: 1967, 1973, 1976 e hoje.

O ano de 1967, (com a adoção dos Princípios Gerais e a mudança de nome) pode ser considerado — ainda que esforços anteriores a tenham preparado — como um ponto de partida para a renovação em nível internacional. Esta renovação foi o resultado do encontro de duas correntes: de um lado, a preocupação dos responsáveis das antigas CCMM, ansiosos por revitalizá-las e adaptá-las ao processo de "Aggiornamento" da Igreja, do qual o Concílio Vaticano II, acabava de dar exemplo; de outro lado, as novas experiências de alguns países onde as CCMM deixaram de existir.

EM QUE CONSISTE ESTA RENOVAÇÃO?

Fundamentalmente em redescobrir a linha original e específica de nossa Comunidade, ou seja, os Exercícios Espirituais, como **nossa** forma de viver o Evangelho. Entre 1967 e 1973, os esforços se desenvolveram prioritariamente no plano nacional. Diversos

países continuam o trabalho, buscam... Pode-se dizer que, em 1973, com a primeira sessão de formação internacional em Roma e a Assembléia que se seguiu em Augsburg, cristalizam estes esforços e confirmam as experiências tentadas neste caminho da autenticidade inaciana. Estas duas iniciativas (Roma e Augsburg 73) permitiram que representantes de 39 países compartilhassem a especificidade de sua vocação, fazendo com que aparecessem alguns pontos que tiveram influência decisiva no desenvolvimento das CVX. Vejamos os três principais:

1) Já era claro que os Exercícios Espirituais foram a base de nossas comunidades, mas a sessão de formação internacional nos fez descobrir que os Exercícios não são apenas um retiro, mas devem ser também a pedagogia que inspire todas as atividades: reuniões, sessões, congressos etc. Finalmente ficou claro que devemos tentar por todos os meios possíveis a integração dos Exercícios na vida quotidiana, em todos os aspectos e dimensões da vida de uma pessoa. Um dos efeitos imediatos em alguns países foi a mudança de estilo e, às vezes, do conteúdo das reuniões. Outro benefício desta descoberta, compartilhado entre os membros de muitos países, foi a busca que vimos se desenvolver no campo das formas preparatórias para os Exercícios.

2) Estas reuniões internacionais de 73, nos conduziram também à descoberta do itinerário que um grupo percorre para se converter em comunidade. Este itinerário não tinha sido visto muito claramente antes de 73, e sobretudo, nos faltava uma base suficiente de experiência para poder tirar conclusões. Contudo, a entrada mais decisiva na linha dos Exercícios por parte de numerosos países nos conscientizou de que um processo de crescimento se desenvolve dentro de um grupo, processo que exige etapas sucessivas e que talvez não sejam distintas do itinerário dos Exercícios. Ora, esta descoberta foi muito importante, tanto no nível da ajuda que se deve dar a um grupo, em função de sua evolução, quanto com relação à escolha das atividades apostólicas.

3) A orientação apostólica se nos revela como a expressão de nossa maneira de viver fruto de um discernimento face aos problemas e às necessidades concretas. Assinalamos também a diferença entre uma ação tomada e uma ação discernida.

Chegamos ao ano de 1976 com o encontro internacional de Manila que marca um novo passo adiante. O tema de Manila: "Pobre com Cristo, pobre para um melhor serviço": foi fixado quase por unanimidade após consulta às nossas Federações nacionais. Esta escolha mostrou claramente que a maior parte de nossas Federações nacionais continuavam seu avanço, integrando na vida das CVX o que se experimentou três anos antes: os Exercícios. Esta foi a primeira vez na História da Federação Mundial que um tema de Congresso insistiu com tanta força no seguimento de Jesus Cristo. Como caracterizar a experiência de Manila? Sublinhemos, aqui também, três aquisições que, à distância, aparecem com grande clareza e que percebemos que tomaram raiz na grande maioria das Federações nacionais.

1) As descobertas de 73, tanto no nível da formação quanto no da missão se confirmaram. As três sessões de formação de Manila demarcaram o itinerário de formação das CVX e um crescimento que brota dos Exercícios. No que se refere à missão, ela é reconhecida como o seguimento de Cristo no mundo de hoje: o que significa para nós o engajamento em favor da justiça, no lugar onde nos encontramos (de trabalhar preferencialmente com os mais pobres) e contribuir com os esforços de evangelização e promoção humana.

2) Manila foi uma escola para forjar a atitude de pobreza, que é típica da escolha do modo de viver da CVX. Viver juntos, durante 5 semanas entre membros de CVX de 40 países nas condições de uma nação em vias de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, partilhar oração, reflexão, investigação, para dizer sim ao Senhor, com honestidade e com verdade. Sim, esta experiência valeu mais que todos os discursos. Ela nos ensinou a experimentar certa pobreza, uma austeridade que, quaisquer que sejam as condições habituais em que vivemos, são uma consequência natural da escolha CVX.

3) A Comunidade de Vida Cristã mundial se afirmou. As trocas revelaram uma comunhão profunda que continua se desenvolvendo e que nos permite pensar que assistimos ao nascimento de uma Comunidade Mundial.

Parece que são estes os mais decisivos resultados obtidos durante estes últimos anos, cujas repercussões são sensíveis e profundas nas diversas nações.

1. Esforços de Formação

Como se apresentam as CVX hoje, quando as consideramos em seu conjunto?

A maior parte das Federações Nacionais redobram seus esforços de formação. É verdade que muitas fizeram a amarga experiência de que sem formação séria seus grupos não conduziam a nada, ou melhor, que os grupos se portavam como ondas do mar que se quebram na praia. Não se tornam comunidades sólidas, estáveis, onde os membros tomam uma opção apostólica decisiva.

Como, ao mesmo tempo, a pedagogia da formação foi muito esclarecida, percebemos um desabrochamento de iniciativas em matéria de sessões de formação e de programas adaptados à situação das nações, que integram a espiritualidade CVX.

Qual é a finalidade destes esforços

Ajudar nossos membros a descobrir que a CVX envolve a pessoa toda. Nenhum componente de sua personalidade, nenhum aspecto de sua vida, ficam excluídos. Desde o início a CVX se dirige a todo o homem e o questiona. Uma CVX autêntica não poderia, pois, se reduzir a um grupo de oração, a um círculo de estudo ou a um grupo de ação. Ela será um e outro e também outra coisa, porque seu designio fundamental é ajudar cada membro a se dispor em tudo o que é e com tudo o que tem, para ser possuído pela pessoa de Cristo. É do conhecimento cada vez mais profundo de Cristo que nascem as atitudes fundamentais daquele que O segue: educação no silêncio interior, um novo olhar; reconhecimento daquilo que em mim bloqueia esta plenitude de vida, exercício repetido da disponibilidade, da pobreza de meios; conhecimento progressivo do discernimento, ... Tudo isto significa que a experiência, à qual os Exercícios nos introduzem, não se limita a uma duração determinada. Trata-se de um processo de crescimento que se desenvolve... até o fim de nossa vida.

Os Exercícios, enquanto retiro, são um tempo forte, que aprofunda e confirma este caminho específico. Mas os Exercícios, constituem também a dinâmica que nos orienta na vida quotidiana. E é precisamente por isso que são tão úteis a nós, leigos,

que nos engajamos no mundo por responsabilidades familiares, profissionais, sociais e políticas. Estas responsabilidades são, às vezes, tão pesadas que facilmente poderiam nos ocultar a razão pela qual nós nos comprometemos, se o estilo de vida e a linha de conduta que resultam da integração dos Exercícios não nos ajudassem a unificar nossa vida e orientá-la para o dom de Deus no serviço dos irmãos.

2) O Papel Essencial da Comunidade

O que dissemos sobre a vida das CVX pressupõe uma comunidade e enfatiza sua importância. Um dos resultados mais visíveis da renovação foi a descoberta da função do pequeno grupo no processo da comunidade. Os intercâmbios, a oração nestes pequenos grupos — se são verdadeiros e se integram toda a vida — são um privilegiado meio de educação. Através da expressão de minha experiência e da escuta da experiência dos outros, realiza-se esta educação no silêncio interior, na atenção etc... Tudo se converte em meio para perceber mais claramente as moções que se agitam em nós e para reconhecer o caminho de uma fidelidade maior. Estas partilhas profundas carregam em si dificuldades, entre as quais aquelas que são suscitadas por nossos próprios limites e pelos limites dos outros. O grupo deverá ser o lugar onde estas dificuldades possam ser superadas. Ajudar-nos-á assim a nos libertar de nossos preconceitos que, muitas vezes, mascaram nossas relações.

Ensinar-nos-á a aceitar e amar os outros assim como são e a me aceitar eu mesmo como sou. Então o grupo se faz comunidade.

Uma comunidade vital que nos ajudará em nosso próprio processo e nos fará ler conjuntamente a vontade de Deus sobre cada um e sobre o grupo. A comunidade se converteu numa entidade viva que escuta, vê e discerne. Ela nos faz percorrer um caminho de libertação total. Sem dúvida, esta experiência é exigente e de lenta concretização, mas ela nos é dada se prosseguirmos fielmente o caminho específico da CVX.

3) Orientação Apostólica

O terceiro e último ponto se refere à orientação apostólica. Fixou-se muito em nossas últimas Assembléias Gerais: uma

opção unânime para se engajar em favor da justiça e nos esforços de evangelização.

Esclareçamos alguns pontos nesta matéria:

a) Os objetivos comuns (justiça, evangelização, promoção humana) não significam tarefas comuns. O fim das CVX é formar homens e mulheres de discernimento, que, em sua situação saibam reconhecer as necessidades, fazer opções e interpretar ou colaborar com as outras nas soluções necessárias. Vimos que o processo de crescimento conduz a esta educação no discernimento. É preciso dizer também que o discernimento das escolhas pessoais dos membros é ajudado pela comunidade, como toda ação será sempre ajudada pelas avaliações em comunidade.

Vemos, pois, que as CVX não podem impor uma opção determinada (por exemplo, política) ou uma tarefa precisa aos membros. Mas, após um discernimento comum das prioridades, estas devem ajudar as comunidades e seus membros a fazer um confronto com sua situação e a dar uma resposta.

b) Outra observação necessária é a opção crescente por parte de numerosos membros CVX de assumir uma vida pobre. Para alguns, isto se traduz numa ruptura com seu meio ou ao menos com os "valores" de seu meio. O verdadeiro serviço que é "missão" implica ruptura, mesmo que isto não signifique necessariamente deixar sua casa e instalar-se em outro lugar. O estilo de vida é profundamente modificado.

c) Talvez seja necessário acrescentar um terceiro ponto. O processo de crescimento pessoal e comunitário tem uma repercussão profunda sobre nosso serviço. Está claro, mas não havíamos visto no início. Pois este processo freqüentemente nos faz passar de um serviço que havíamos escolhido, que era nosso, ao qual nós nos havíamos doado com boa vontade certamente, a uma vida mais abandonada à vontade de Deus, onde a missão é antes recebida que tomada.

As vezes constatamos com surpresa que já não nos pertencemos: o caminho é traçado por um outro e a única coisa que vale é repetir o SIM de Maria.

AS COMUNIDADES CVX DE JOVENS

("Progressio" — março 1977 — pp 17-19)

Pe. Pedro Arrupe, S.J.

O Padre Arrupe, Superior Geral dos Jesuítas, recebeu durante mais de uma hora o Conselho Executivo, em sua recente reunião em Roma. Algumas de suas palavras se referem aos jovens CVX:

A juventude é vital. Tem suma importância. Primeiro porque é uma iniciação no movimento de adultos. Faz com que se formem e se desenvolvam pouco a pouco adultos que exercerão responsabilidades em postos importantes. O movimento receberá daí um maior valor, porque reunirá pessoas já ativas na sociedade, solidamente formadas e desenvolvidas. Além disso podem dar peso a todo o movimento, desde o princípio; é o que se espera.

Mas a juventude é necessária, porque o futuro lhe pertence, e ademais porque tem dinamismo e idealismo. Assim, é importante que vocês promovam este movimento entre os jovens...

Percebe-se uma mudança recente, segundo me parece, na juventude, que a faz mais aberta às CVX. O ativismo político, antes tão forte e tão geral, e que refletia as maiores aspirações dos jovens, está em vias de mudança. Estes reconhecem a necessidade para eles de verdadeiros movimentos sociais, de acordo com o ideal evangélico e apostólico. Buscam uma síntese da ação social e da inspiração evangélica; assim, os movimentos que propõem isto, podem ter atualmente uma grande influência sobre a juventude e o dinamismo de um movimento como este pode atraí-los.

Por outro lado, encontra-se agora nas CVX um processo concreto, e com os "pés no chão": as CVX levam seriamente, em conta a situação humana atual, incluída aí a situação social. De sorte que a maneira de viver das CVX não é uma coisa de pura "devoção", e tampouco, é puramente abstrata ou "espiritual". Nada tem de espiritualismo desencarnado: sua espiritualidade consiste em ajudar aos homens de hoje.

Aliás, os elementos mais ativos, particularmente em política, e entre eles muitos jovens, vão em busca de uma perspectiva mais espiritual. A atividade horizontal e natural tende a ser sobrenatural. As CVX podem ajudá-los a fazer uma síntese, a ver o que é prático, apostólico e evangélico, a fim de promover a evangelização do mundo nas circunstâncias concretas, que são as suas.

De modo que este é o momento, ao qual faz falta falar com clareza da convergência destas duas orientações e de sua unificação: faz falta nas CVX uma formação profunda, sem esquecer seus aspectos horizontais e verticais.

Temos que mostrar aos jovens, que estão cheios de ideal e que querem mudar as estruturas do mundo, que a primeira coisa absolutamente essencial, é converter-se cada um a si mesmo: que é preciso mudar o coração dos homens para mudar as estruturas.

E, enquanto, Comunidades de Vida Cristã, possuímos e podemos apresentar uma força formidável: a de nossa espiritualidade e nossa maneira de viver. Podemos apresentar algo, que cada um pode em seguida utilizar, de maneira pessoal e livre, no quadro de todo movimento político escolhido. A força das Comunidades de Vida Cristã é a de poder formar pessoas e poder ajudá-las a desenvolver verdadeira força pessoal, que logo utilizarão por si mesmas. Não criemos nas CVX um movimento político, mas uma Comunidade de Vida Cristã, algo evangélico, algo que é o Evangelho, algo para cada um. A cada um em seguida cabe fazer escolhas, em conformidade com suas opiniões pessoais e de acordo com as necessidades políticas e econômicas do homem.

Importa muito que não sejamos somente Cristãos, mas que nossa simplicidade e nosso estilo de vida manifestem que somos verdadeiramente evangélicos, que estamos comprometidos com

respeito ao Evangelho, e não com respeito a um partido, a uma ideologia qualquer, e sim com respeito ao Evangelho de Cristo.

Temos que mostrá-lo, e ao mesmo tempo assegurar que ajudamos a Cristo, ao Cristo que se encarnou entre as pessoas. O Corpo Místico de Cristo está hoje ao nosso redor, com todos os problemas do mundo. E, deste modo, com Cristo, temos que tentar satisfazer as necessidades presentes dos corpos e dos corações do homem.

A HISTÓRIA DA CVX

Uma participação no Mistério Pascal

Pe. Louis Paulussen, S.J.

1979

Roma: "Uma comunidade mundial a serviço de um mundo único"

1976

Manila: "Pobre com Cristo para um melhor serviço" — Exercícios dirigidos e Cursos de Formação

1973

Roma-Augsburg — Um novo tipo de Assembléia: Exercícios dirigidos e Cursos de Formação

1970

4.ª Assembléia em Roma — "Um Princípio novo" — Novos Princípios Gerais e novo nome — CVX

1964

Bombaim: seguindo o Concílio Vaticano II

1959

2.ª Assembléia de Newark: primeiro passo para os Princípios Gerais

1954

1.ª Assembléia da FM: "Princípios de uma renovação universal"

1953

Pio XII aprova a Federação Mundial (FM)

Uma comunidade mundial inspirada por Inácio e independente da Companhia de Jesus

1948

Pio XII promulga a "Bis Saeculari"

3.º período: Renovação depois de 1948

1924

Secretariado de Roma
fundado pelo Pe. Ledóchowski
para estabelecer a autêntica CM

2.º período: 1773-1948 80.000 grupos

1587

primeiras regras comuns
do Pe. Aquaviva

Um movimento leigo inspirado por Inácio e dependente da Companhia de Jesus

1563

primeira CM fundada por John Leunir no Colégio Romano: grupos leigos formados segundo o espírito da nova Ordem

1540

A Companhia de Jesus fundada por Inácio de Loyola

1.º período: 1540-1773 2.500 grupos

FUNDAÇÃO E CENTRO: Jesus Cristo

CARTA DE CONFIRMAÇÃO

Secretaria de Estado
N.º 106.352

Vaticano, 25 de março de 1968.

Excelência,

Após a reunião do Conselho Geral da Federação Mundial das Congregações Marianas, realizada em Roma de 19 a 21 de outubro de 1967, o Secretariado de sua Federação enviou à Secretaria de Estado de Sua Santidade um pedido para obter do Santo Padre a aprovação dos novos Princípios Gerais destinados a substituir as Regras Comuns de 1910, e os novos Estatutos da Federação Mundial.

No desejo de melhor servir à Igreja — explicava-nos e para renovar sua associação segundo o espírito e as normas do Concílio Ecumênico Vaticano II, os membros da Federação Mundial das CM haviam sentido o desejo de propor à aprovação da Santa Sé, diversas modificações, algumas delas fundamentais, para que sua associação, conservando fielmente as autênticas riquezas de sua tradição, possa se consagrar com mais simplicidade e eficácia ao serviço de Deus e dos homens no mundo de hoje. Era o resultado de deliberações desenvolvidas durante vários anos.

Algumas destas propostas tocavam certas normas da Constituição Bis Saeculari, promulgadas pelo Papa Pio XII, no dia 27 de setembro de 1948 (AAS, 40 — 1948 — p. 393 ss.). Esta Constituição não havia previsto a fundação da Federação Mundial que aconteceu em 1953 e, por conseguinte, nem os efeitos jurídicos que decorreriam dela. Desde então as estruturas tradicionais, confirmadas pela Constituição "Bis Saeculari", haviam perdido progressivamente seu significado original.

Sempre no mesmo desejo de melhor serviço, os participantes da reunião do Conselho Geral preferiram adotar o novo nome de "Federação Mundial das Comunidades de Vida Cristã", per-

suadidos de que esta denominação traduzirá melhor a realidade e o dinamismo interno de sua associação, sem menosprezar nenhum de seus elementos específicos.

Estes Princípios Gerais e estes Estatutos foram objeto de cuidadoso exame por parte da Santa Sé. E agora eu tenho a alegria de poder comunicar-lhes a confirmação e a aprovação destes documentos por três anos "ad experimentum" por S.S. o Papa Paulo VI, conforme os textos anexos à presente carta. Todas as regras e prescrições anteriores que se opõem aos Princípios Gerais e aos novos Estatutos, ficam de fato anulados.

Alegro-me também de poder comunicar-lhes esta aprovação no dia da Anunciação, festa tradicional das Congregações Marianas no mundo inteiro e mistério que resume seu espírito desde o início, e ainda inspira os novos Princípios Gerais. Queira a Santa Virgem inspirar aos membros de sua Federação Mundial uma disponibilidade sempre mais generosa, sempre mais pronta a escutar e aceitar a Palavra de Deus nas diferentes situações de sua vida.

Digne-se, Sua Excelência, acolher a expressão dos meus sentimentos mais afetuosos em N.S.

A. G. Cardeal Cicognani

S. Exc. Mons. René Audet
Assistente Eclesiástico da Federação Mundial das
Comunidades de Vida Cristã
Roma

APROVAÇÃO DEFINITIVA

Secretaria de Estado
n.º 182839/SI

Vaticano, 31 de maio de 1971.

Excelência,

Após a reunião do Conselho Geral da Federação Mundial das Comunidades de Vida Cristã, realizada em Santo Domingo de 11 a 15 de outubro de 1970, o Secretariado da Federação, de acordo com o artigo 18 dos Estatutos, pediu à Secretaria de Estado a aprovação de algumas emendas feitas nesta ocasião aos Princípios Gerais e aos Estatutos.

Estas emendas foram objeto de atento estudo por parte deste Departamento, que não teve dúvida em submetê-las à consideração do Santo Padre.

Apresso-me em comunicar-lhe que as modificações propostas nos seguintes artigos foram aprovadas:

Tenho, enfim, a felicidade de comunicar a S. Excelência que o Santo Padre confirmou e aprovou definitivamente os Princípios Gerais e os Estatutos da Federação Mundial das Comunidades de Vida Cristã (Congregações Marianas) formulando seus votos paternais a fim de que as normas nelas contidas possam ser para os que aderem à Federação meios privilegiados para tornar mais eficazes seu engajamento e seu testemunho de vida cristão no mundo.

Aproveito com prazer a ocasião para lhe assegurar minha distinguida consideração,

J. Cardeal Villot

S. Exc. Mons. René Audet
Assistente Eclesiástico da Federação Mundial das
Comunidades de Vida Cristã
Borgo Santo Spirito, 8 — Roma

Nota:

Os leitores que desejarem maior esclarecimento sobre o funcionamento de uma comunidade de vida Cristã, poderão escrever ao:

Pe. César Augusto dos Santos, S.J.
Colégio Santo Inácio
Rua São Clemente, 226
22260 — Rio de Janeiro — RJ